

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

VIVIANE GIUSTI BALESTRIN

CARTOGRAFIAS DO CONSUMO E DA SUBJETIVIDADE

CONTEMPORÂNEA

Porto Alegre

2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

**CARTOGRAFIAS DO CONSUMO E DA SUBJETIVIDADE
CONTEMPORÂNEA**

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como Requisito Parcial Para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Social e da Personalidade.

VIVIANE GIUSTI BALESTRIN

ORIENTADORA: Profa. Dra. Marlene Neves Strey

Porto Alegre

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B184c Balestrin, Viviane Giusti

Cartografias do Consumo e da Subjetividade Contemporânea /
Viviane Giusti Balestrin. — Porto Alegre, 2007.
73 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Psicologia. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia. PUCRS, 2007.

Orientador: Profa. Dra. Marlene Neves Strey

1. Consumidores - Aspectos Psicológicos. 2. Subjetividade.
3. Emoções. 4. Trabalhadores - Aspectos Psicológicos. I. Título.

CDD : 158.1

Bibliotecário Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

VIVIANE GIUSTI BALESTRIN

**CARTOGRAFIAS DO CONSUMO E DA SUBJETIVIDADE
CONTEMPORÂNEA**

Dissertação Apresentada para apreciação e parecer da Banca Examinadora

Profa. Dra. Marlene Neves Strey

Orientadora Presidente (PUCRS)

Profa. Dra. Jaqueline Tittoni

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Neuza Maria de Fátima Guareschi

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Aos meus pais, *Milton e Beth*, pela presença e pelo apoio constante, sempre incentivando meu desejo de percorrer horizontes, povoar territórios, experimentar sensibilidades, desbravar caminhos, numa tentativa de ser nômade e deixar vagar o pensamento. Porque nem todos os nômades são viajeiros do mundo; algumas das viagens mais importantes podem ocorrer sem que se afaste fisicamente. Mesmo na distância, vocês se fizeram importantes e na presença, fizeram a diferença.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como esse não se faz sozinha, é fruto de muitas mãos, muitos pensamentos, pura ressonância, puro agenciamento coletivo. Afilia-se a um bando para colocar em movimento o pensamento, as idéias, as trajetórias de vida, os conceitos.

Ao grupo de pesquisa Relações de Gênero, da PUCRS, e em especial à minha orientadora *Prof. Marlene Neves Strey*, que soube transmitir, acima de qualquer coisa, prazer e amor pelo que faz. Cúmplice do percurso, mesmo na distância, mostrou-se presente.

Ao grupo de pesquisa Estudos Sociais e Tecnologia, da UAB, e em especial ao meu orientador *Prof. Miquel Domènech Argemí*, que em terras espanholas e catalãs, mostrou-se acolhedor e disponível, provocando e problematizando sempre.

Aos meus amigos/as, muito mais do que colegas de mestrado: *Roberta, Marcos, Janaína e Leticia*, que juntos, íamos além dos muros acadêmicos para viver e falar de coisas da vida. Um agradecimento especial à *Beta*, pela amizade de sempre, que na trajetória dos anos, da graduação ao mestrado, mostrou-se parceria de todas as horas e de todos os tempos.

Às minhas amigas de infância: *Lica e Queca*, pelos compartilhamentos.

À minha *família*, sempre companheira e presente, fizeram-me acreditar que valeria a pena continuar e ir para além-mar...

Ao meu amor *Fernando*, pelas intensidades e paixões. Que bom que decidistes ir comigo para Barcelona! Contigo aprendi que a vida que vale, é a vida vivida.

Aos *Sujeitos da Pesquisa*, pela disponibilidade e pela possibilidade de outros olhares: ver um pouco de possível num mundo carregado de ideal.

A *Capes* que através da concessão da bolsa, possibilitou a realização deste mestrado. Ao *Programa Alban*, que além da bolsa de estudos em Barcelona, possibilitou a experimentação de novas sensibilidades.

SUMÁRIO

RESUMO.....	09
APRESENTAÇÃO	10
REFERÊNCIAS.....	15
PRIMEIRO ARTIGO - A EMOÇÃO É O CONSUMO: SUBJETIVAÇÃO, AGENCIAMENTOS E PERFORMANCES DA VIDA CAPITAL.....	16
Resumo.....	17
Abstract.....	18
Para Provar, Experimentar, Sentir.....	19
Transformações de Cenários: o Fora de Medida.....	21
Construcionismo Social das Emoções.....	27
Crítica ao Social: Subjetivação, Multiplicidade e Agenciamento.....	29
Performances do Consumo e Possibilidades de Ruptura.....	33
Referências.....	36
SEGUNDO ARTIGO - CORPOS-TRABALHADORES: CARTOGRAFIAS DO CONSUMO E DA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA.....	39
Resumo.....	40
Abstract.....	42
Aproximações e Afastamentos: as Marcas do Início.....	43
Tempo Livre, Tempo Prisioneiro.....	45
Precariedade no Mundo Contemporâneo: Atualizações das Parafernâlias do Poder.....	51
Os Empregados do Consumo: Quem Consome Quem?.....	56
Quais Modos de Ser Mulher e de Ser Homem Consumimos nos Dias de Hoje?.....	59
Proposta: Criação de Outros Modos de Existência.....	61
Referências.....	63

CONSIDERAÇÕES - Notas de uma sensibilidade	65
REFERÊNCIAS	69
ANEXO I: ROTEIRO DE ENTREVISTA	70
ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	71
ANEXO III: MATERIAL DE ESTÍMULO	72
ANEXO IV: APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA	73

RESUMO

Este trabalho se propõe a acompanhar alguns movimentos subjetivos acerca do consumo e do trabalho – tanto material como imaterial - no cenário contemporâneo. Procuramos desvendar os agenciamentos produzidos pelo consumo, devido à importância que assumem na produção da subjetividade e na sua inclusão dentro do sistema social mais amplo. As estratégias de produção de conhecimento foram seis entrevistas individuais com trabalhadores/as que atuam no comércio e a escrita de um diário de campo. Procuramos deixar aflorar os discursos socialmente disponíveis para dar sentido às experiências das pessoas, suas relações, sua vida. As falas encontradas remetem a muitas outras vozes que retratam nosso cotidiano; são enunciados que possibilitam significar a atuação dos sujeitos no comércio e no consumo. A partir daí, tomamos como desdobramentos os processos de assujeitamento e modelização da subjetividade, bem como, as possibilidades de ruptura e criação. Para isso, utilizamos as ferramentas do pensamento Deleuziano para mapear o caminho em direção à emoção é o consumo, mostrando que o ato de consumir faz parte de um agenciamento complexo, que envolvem aspectos semióticos, materiais e sociais. É como se estivéssemos vendendo o tempo todo: maneiras de ver, de sentir, de pensar, de perceber. O fato é que consumimos mais do que bens, consumimos formas de vida, consumimos subjetividade. Assim, desenhamos uma cartografia dos corpos-trabalhadores, como são produzidos, como são visibilizados, como ocorre o processo de produção de subjetividade no contexto do capitalismo contemporâneo. Os encontros produzidos e os movimentos traçados desses sujeitos, no cenário do consumo, além da troca de afetos e um território aberto a conexões e devires, faz pensar que os modos de trabalhar no comércio tornam-se um potente dispositivo de subjetivação.

Palavras-Chave: Consumo, Emoção, Trabalho, Subjetividade.

Área conforme classificação CNPq:

Área de Conhecimento: Ciências Humanas

7.07.05.00-3 (Psicologia Social)

Sub-área conforme classificação CNPq:

7.07.02.04-7 (Estados Subjetivos e Emoção)

7. 7.09.04-1 (Fatores Humanos no Trabalho)

APRESENTAÇÃO

A Escrita como Experiência

Escrever é fazer letra para a música do tempo; e é esta música, sempre singular, que nos indica a direção da letra, que seleciona as palavras que transmitem o mais exatamente possível seus tons, seus timbres, seus ritmos, suas intensidades.

(Rolnik, 1993, p. 246)

Para apresentarmos essa produção de palavras, percorremos a idéia de tomar a escrita como experiência, no sentido do vivido que é pensado, que é narrado, de ação compartilhada, inscrevendo nela novos sentidos. Partimos de uma tentativa de escrever uma dissertação de mestrado sem cair na lógica do unívoco, do sistemático, do progressivo. Essa talvez seja a principal barreira encontrada na produção do texto, o perigo de cair na ordenação de forma linear, pois os temas tratados estão profundamente entrelaçados e se influenciam entre si. Essa dissertação é algo mais do que traçar um itinerário intelectual, pois fazemos um convite ao leitor/a para caminharmos na trajetória de partilhar saberes, conhecimento, pistas, intuições, experiências, em uma idéia de fazer *com* e não fazer *para*. Com isso, a intenção não é aprofundar ou concluir os temas abordados, mas sim, abrir perguntas, interrogantes, questionamentos para o trabalho, para o consumo, para as emoções, para a subjetividade e para a nossa intervenção como profissionais. Assim, toda e qualquer explicação será sempre reformulável.

Escrever convoca o trabalho do pensamento, é traçar um devir. Devir no sentido não da imitação, nem do fazer como, nem do ajustamento a um modelo. Devir no sentido de movimento, de procura, de produto inacabado. A escrita também possibilita uma subversão dos territórios que enclausuram e ajustam a palavra e o pensamento. O que estamos

pretendendo transmitir, nas linhas que seguem, é um aprender, um criar. Partimos do princípio de que para escapar que esta produção se torne mais uma mercadoria que se divulga e se vende e para que seus conhecimentos se tornem úteis, o que é novo precisa se enraizar no velho. O presente e o futuro relacionam-se ao passado, que podem assim, continuar e descontinuar, transformar-se, escapar do sempre igual.

Assim, ao longo do trabalho, percorremos assuntos como poder e vida, emoção e consumo, trabalho e subjetividade, performatividade e rupturas. O caminho trilhado é atravessado por duas direções: o poder sobre a vida a potências da vida, no contexto do capitalismo contemporâneo. A vida não é mais tomada no sentido de natural, biológica, mas ganha amplitude, hibridiza-se, passando a ser definida como a capacidade de afetar e ser afetado. Faz variar suas formas e reinventa diferentes modos de enunciação. Essa potência da vida equivale a pensar na potência política da multidão, prevalecendo às lutas contra as formas de submissão e modelização da subjetividade.

A palavra consumo não deve ser submetida a um sentido eminentemente material, mas sim, como parte de um rizoma material e imaterial, povoado por um agenciamento complexo. Em uma compra e outra, o consumo desliza-se em múltiplas direções: de satisfação pessoal, de dívidas, ao consumo de si mesmo, do corpo, aliado ao contexto de vida. Envolve uma série de atores sociais: funcionários/as, distribuidores/as, gerentes, consumidores/as. É todo um entramado relacional, atravessado por aspectos materiais, sociais e semióticos.

Na fase do **projeto de pesquisa**, as questões do consumo e do trabalho mostram-se como um potencial campo de entendimento, de inquietudes, de experiência. Estar inserida num ambiente de comércio, de varejo, trabalhando mais de doze horas por dia, seis dias por semana e, muitas vezes, quatorze dias consecutivos, fez com que pensássemos que estudar o consumo seria um caminho interessante e desafiador para entender os processos de

subjetivação atravessados nessa relação. A convivência diária com os/as trabalhadores/as do comércio, aliada às leituras realizadas, foram dando corpo ao trabalho e direcionando as inquietudes para um consumo imaterial, dos modos de existência, bem como, pensar nas possibilidades de resistência e de criação nesse contexto.

A emoção passa a ser o próprio consumo e é sobre esse ponto que o **primeiro artigo** se detém, onde problematizamos os modos de subjetivação no cenário contemporâneo do consumo. Abordamos, ainda, a questão da performatividade e as possibilidades de ruptura produzidas. Entender o consumo implica em pensá-lo de diferentes lugares, de diferentes tempos e espaços, pensá-lo em um contexto transversalizado por questões sociais, pelos modos de subjetivação, passando pela perspectiva da produção da subjetividade e chegando, até mesmo, na perspectiva dos estudos feministas e dos estudos culturais.

Logo em seguida, buscamos compreender como são construídas versões da realidade social, no que diz respeito ao consumo, ao trabalho e à subjetividade. Explorar quais são os espaços de criação da diferença e da singularidade, bem como, analisar os processos de se fazer como sujeitos, na produção do gênero e da sexualidade marcados nos corpos, fazem parte do fio temático da produção do **segundo artigo**. As estratégias de produção de conhecimento foram seis entrevistas individuais com trabalhadores/as que atuam no comércio e a escrita de um diário de campo. Procuramos deixar aflorar os discursos socialmente disponíveis para dar sentido às experiências das pessoas, suas relações, sua vida. As falas encontradas expressam uma questão social e não individual. Remetem a muitas outras vozes que retratam nosso cotidiano; são enunciados que possibilitam significar a atuação dos sujeitos no comércio e no consumo. Assim, desenhamos uma cartografia dos corpos-trabalhadores, como são produzidos, como são visibilizados, como ocorre o processo de produção de subjetividade no contexto do capitalismo contemporâneo. Os encontros produzidos e os movimentos traçados desses sujeitos, no cenário do consumo, além da troca

de afetos e um território aberto a conexões e devires, faz pensar que os modos de trabalhar no comércio tornam-se um potente dispositivo de subjetivação.

Desejamos não buscar uma verdade fechada em si e comprovada empiricamente, mas sim, convidar os outros/as a fazerem conosco, a compartilhar, a fim de que possamos engendrar devires-outros. Entender passa a ser um exercício de ouvir as linhas de multiplicidade que se anunciam, e não, estabelecer um caminho em busca da verdade e da universalidade.

Não podemos deixar de colocar que esta escrita, do projeto e dos artigos, este conjunto, na forma e andamento como foi realizado, sofreu algumas transformações, algumas ressonâncias. Não há como escapar dos efeitos produzidos nestes dois anos de estudos, dos entrecruzamentos de um trajeto tanto na vida pessoal como profissional, os efeitos da troca de emprego, embates políticos no país, tentações múltiplas no período de estudos do “estágio-sanduíche” em Barcelona, diversas leituras, diversas idéias. Viver o múltiplo é diferente de dizer o múltiplo, pois provoca uma transfiguração constante. Apenas temos a certeza de que este trabalho é parte de uma elaboração parcial e coletiva, sempre em andamento.

Aproveitamos para salientar, de forma concreta, algumas modificações no trabalho, desde o projeto de pesquisa até a escrita dos artigos finais. O universo de abrangência dos participantes da pesquisa foram seis sujeitos (três homens e três mulheres), porém, não apenas consumidores/as como constava na descrição do projeto anteriormente, mas, inclusive, trabalhadores/as inseridos num ambiente de comércio. Pois, estes sujeitos, além de serem consumidores/as, também vivenciam no cotidiano o contexto do consumo, tanto material como imaterial. Cada um com sua particular linguagem e cenário, colocam-se a serviço de uma mesma lógica produtiva e de consumo. Assim, procuramos desvendar os agenciamentos produzidos pelo consumo, devido à importância que assumem na produção da subjetividade e na sua inclusão dentro do sistema social mais amplo, explorando a variedade

do discurso acerca do assunto em questão, expressa nas vozes dos sujeitos e nos relatos observados e anotados em diário de campo.

Estamos inseridos em um tempo de incertezas, de provisoriedade, de desestabilização, de um mundo globalizado. Vivemos em um momento de trabalho sem criação e, ao mesmo tempo, sem trabalho para todos. Estudar os processos de subjetivação é lançar uma cartografia que se engendra nos atravessamentos, sempre cambiantes, da multiplicidade e da singularidade. Problematizar questões relativas à serialização da subjetividade frente ao capitalismo contemporâneo, como por exemplo, os regimes de assujeitamento e controle, tornam-se, também, uma possibilidade de pensar nos fluxos de criação e resistência.

No decorrer do estudo, salientamos que é preciso pensar na idéia daqueles que se deixam levar pela produção de mundos ao invés de, simplesmente, consumo de mundos. Mesmo que se faça uso do consumo de mundos oferecidos, é preciso partir para saídas inesperadas, desconhecidas, desbravar caminhos, provocando potências de criação. E assim, desta forma, deixar vagar o pensamento e a experiência...

No ato de escrever, há a tentativa de fazer da vida algo mais do que pessoal, de libertar a vida do que a aprisiona (...). Criar não é comunicar, mas resistir.

(Deleuze, 1991, p.5)

REFERÊNCIAS

- Deleuze, G. (1991). Signos e acontecimentos: Entrevista com Gilles Deleuze por Raymond Bellour e François Ewald. In *Dossiê Deleuze*. Recuperado em 2 janeiro, 2007, de http://www.dossie_deleuze.blogger.com.br/index.html
- Rolnik, S. (1993). Pensamento, Corpo e Devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, 1(2), 241 - 251.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

VIVIANE GIUSTI BALESTRIN

**A EMOÇÃO É O CONSUMO: SUBJETIVAÇÃO, AGENCIAMENTOS E
PERFORMANCES DA VIDA CAPITAL**

ORIENTADORA: Profa. Dra. Marlene Neves Strey

Porto Alegre

2007

A EMOÇÃO É O CONSUMO: SUBJETIVAÇÃO, AGENCIAMENTOS E PERFORMANCES DA VIDA CAPITAL

EMOTION IS CONSUMPTION:
SUBJECTIFICATION, ASSEMBLAGES AND PERFORMATIVITY

Viviane Giusti Balestrin*

Marlene Neves Strey**

Resumo

Este artigo se propõe a entender que a emoção, nos dias de hoje, é o próprio consumo e os processos de subjetivação atravessados nessa relação. Para isso, começa mapeando as transformações de uma sociedade industrial para uma sociedade pós-industrial. Aponta, ainda, como a idéia de agenciamento, de Deleuze e Guattari, tem sido uma potente ferramenta, na medida em que problematiza os aspectos materiais, sociais e semióticos envolvidos nessa sensibilidade. A partir daí, coloca em discussão a vida como conceito político, trazendo à tona o conceito de performatividade, de Butler, para pensar que efeitos têm sido produzidos e as possibilidades de ruptura e criação.

Palavras-chave: Consumo; Emoção; Subjetivação; Agenciamento; Performatividade.

* Psicóloga, Mestranda em Psicologia Social e da Personalidade na PUCRS, Bolsista Capes, com “Estágio-Sanduiche” na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), com apoio do Programa Alban, Programa de Bolsas de Alto-Nível da União Européia para a América Latina, Bolsa nº E06M103482BR. Orientada pela Profa. Marlene Neves Strey, coordenadora do grupo Relações de Gênero da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e co-orientada, no período do “Estágio-Sanduiche”, pelo Prof. Miquel Domènech Argemí, coordenador do grupo Estudos Sociais e Tecnologia (UAB). Contato: viviane balestrin@terra.com.br

** Orientadora, Professora Titular do Departamento de Psicologia, na PUCRS, Pós-Doutorado em Psicologia na Universidade de Barcelona (UB). Contato: strey mn@puers.br

Abstract

This article aims to understand that the emotion, nowadays, is consumption and it also explores the processes of subjectification enacted in this consumption as emotion. In that sense, it starts by defining the transformation from an industrial society to a post-industrial one. It also points to how Deleuze and Guattari's concept of assemblage has been a powerful tool, since it problematizes the material, social and semiotical aspects involved in this sensitivity. From this point of view, this article discusses life as a political concept, bringing to light the concept of performativity and trying to analyse which effects have been produced and the possibilities of break and creation.

Keywords: Consumption; Emotion; Subjectification; Assemblage; Performativity.

Para Provar, Experimentar, Sentir...

Um fluxo monetário comporta em si mesmo tantos enunciados quanto um fluxo de palavras pode comportar dinheiro.

(Deleuze & Parnet, 1998, p. 85)

Entender o consumo implica em pensá-lo de diferentes lugares, de diferentes tempos e espaços: não apenas em uma lógica material, como também em uma lógica imaterial¹, de emoções. Pensá-lo em um contexto transversalizado por questões sociais, pelos modos de subjetivação, passando pela perspectiva da produção de subjetividade e chegando, até mesmo, na perspectiva dos estudos feministas e dos estudos culturais.

O consumo remete a um componente afetivo-relacional, produz e modifica afetos, trabalha e tece redes na constituição de corpos, comunidades e subjetividades coletivas, na produção de sociabilidade e da sociedade em si mesma. Nossos corpos constroem processos e relações, geram subjetividades produtivas, produzem mercadorias consumíveis, assim como, prazeres visuais, linguagens, conhecimentos.

Na primeira parte deste artigo, comentamos sobre as transformações de cenário de uma sociedade industrial para uma sociedade pós-industrial. Nesse período, passamos da pergunta *o que fazes?*, para indagar-nos *o que tens?* O ponto central que une essa discussão diz respeito à questão do fora de medida. Na sociedade de consumo (pós-industrial), uma das marcas instauradas é que o trabalho funcione desterritorializado, ocupando diferentes esferas da vida, bem como, múltiplos tempos-espacos. O trabalho imaterial se hibridiza e passa a ocupar amplos setores da economia, voltando-se ao produtivo e colocando-se no centro da produção.

¹ “A produção imaterial inclui a produção de idéias, imagens, conhecimentos, comunicação, cooperação e relações afetivas; tende a criar não só os meios da vida social, mas a vida social mesma” (Hardt & Negri, 2004, p.177).

A emoção predominante nesse cenário contemporâneo é o consumo. É sobre esse aspecto que escrevemos na segunda parte do artigo, destacando a emoção não somente como um aspecto fisiológico, mas também social, de etiquetagem. Como podemos diferenciar uma emoção que reflete medo de uma emoção que reflete o enamoramento, se ambas produzem sensações físicas parecidas, como taquicardia e ansiedade? Podemos dizer que desejamos um casaco da mesma forma que desejamos um namorado/a? As emoções se fazem presentes dentro de um campo complexo, vinculadas ao contexto de sua produção, repleto de costumes, regras, convenções e práticas.

Os construcionistas sociais destacam o papel do discursivo, do lingüístico, do significado, enfatizando a emoção como uma construção social. Mais detalhadamente nos detemos neste aspecto na terceira seção do artigo, onde exploramos as emoções como consumo como maneiras de entender os dispositivos de controle social, os processos de criação e de manutenção de nossa sociedade.

Entretanto, conforme destacamos no subtítulo seguinte, essas perspectivas enfatizam as atividades produtoras de sentido e significado das relações apenas entre agentes humanos e pela via social. Porém, o consumo passa a ser visto como um entramado, um tecido relacional, não só de práticas discursivas, mas de agenciamentos coletivos. Por exemplo, quando desejamos um sapato, desejamos em um contexto de vida, de pessoas que são amigas ou inimigas, em relação ao trabalho e etc. Cabe ressaltar, que este plano coletivo e relacional, é também o plano de produção de subjetividades. A noção de agenciamento é a que nos parece mais apropriada para definir seu funcionamento.

Assim, o consumismo passa a ter um preço que não é igual à fatura do cartão de crédito – é maior. Nunca o capital penetrou tão fundo e tão profundo no corpo e na alma. Ao mesmo tempo, a própria vida tornou-se uma fonte primordial e de valor no capitalismo contemporâneo. Passamos a entender, na última parte do artigo, o conceito de

performatividade² que é construído mediante a reiteração contínua de atos normativos e corporais. Atos que constituem e subvertem o sujeito. Neste sentido, abre-se a possibilidade de ruptura e resistência aos padrões naturalizados das formas de viver, consumir, pensar, ser. A intenção é mostrar como um movimento, que surgiu para discutir os modos como a sexualidade é regulada, pode ser útil, inclusive, para entender o funcionamento da vida como conceito político e do consumo regulador e mercantilizador da experiência.

Em lugar de perseguir uma verdade sobre as emoções e o consumo, estaremos dispostos a entender sua produção, seu funcionamento dentro da sociedade, entender um conhecimento dentro de um discurso específico e temporal. É como se estivéssemos vendendo o tempo todo: maneiras de ver, de sentir, de pensar, de perceber. O fato é que consumimos mais do que bens, consumimos formas de vida, consumimos subjetividade.

Transformações de Cenários: o Fora de Medida

Os sujeitos vivem em um determinado contexto social e cultural, com posicionamentos diversos (acerca da sexualidade, gênero, raça, etnia, religião), desde os quais pensam e atuam. A intenção, neste espaço, é trazer à tona uma noção ampliada do conceito de trabalho e das relações políticas e econômicas que tornam explícito a transitoriedade dos fluxos dos corpos a partir das imposições do capital. Deste modo, iremos mapear as transformações do trabalho desde a sociedade industrial (de produção, fordista, moderna), até

² Poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange. Não é em função de uma vontade original (poder do sujeito ou de sua vontade), mas é derivativo. A performatividade é vista como citacionalidade (Butler, 1999).

passarmos à sociedade pós-industrial (de consumo, pós-fordista, pós-moderna³). Trataremos de não nos deixarmos seduzir pelo simples mito da causalidade e do progresso, ao mapearmos o caminho, pois cada etapa é transversalizada por questões que correspondem a uma ou outra.

Pouco a pouco, na sociedade industrial, as pessoas já haviam assumido que trabalhar não era somente um mal necessário, mas um direito a reivindicar, uma maneira digna de viver. Passamos de um modo de produção tributário a um modo de produção capitalista, caracterizado pela maior acumulação de bens por parte de um menor número de pessoas. Neste modo de produção, o trabalhador perde o controle dos meios de produção que possui, sua força de trabalho. A relação social mais importante passa a ser a propriedade, tanto dos materiais brutos como dos meios de produção e do produto acabado, que em nenhum caso, pertence ao trabalhador (Feliu, 2004).

No processo de construção de subjetividades, o trabalho, na hegemonia da sociedade industrial, era um fator primordial para constituição da identidade, caracterizando-se não somente em um sustento material, como também, uma definição que a pessoa ocupava na sociedade. A carreira laboral marcava o itinerário da vida e se convertia na medida para avaliar o êxito ou o fracasso. Nesse sentido, a idéia de profissão era marcada pelo emprego fixo e o aproveitamento do tempo (Bauman, 2003). A fábrica se converteu em um dos mais importantes dispositivos biopolíticos⁴ da modernidade. A função da fábrica, além de produzir produtores, era garantir o controle social sobre seus desejos.

³ Não temos a intenção de entrarmos em uma discussão de modernidade *versus* pós-modernidade. O prefixo “pós” é usado para assinalar um momento histórico específico, no qual há maior fluidez, incerteza, precariedade do sistema econômico que alteram as estruturas sociais e simbólicas tradicionais.

⁴ Termo cunhado por Foucault, remete a uma modalidade de poder e de governo sobre as populações, sobre a vida. Nos últimos anos sofreu transformações, remetendo a um sentido mais abrangente, em alusão a sua vitalidade social e sua potência política (Foucault, 1999).

A sociedade do consumo é a consequência da expansão da produção capitalista de mercadorias, que também tem uma vasta acumulação de cultura material em forma de bens de consumo e de lugares de compra, de ócio, junto com a aparição das tecnologias da informação, que têm possibilitado a sua difusão (Featherstone, 1991). Nesse período, passamos da pergunta *o que fazes?*, para indagar-nos *o que tens?*

Na sociedade do consumo, a vivência do tempo muda. Não somente em termos de valores, características do trabalho, identidade, papéis, mas inclusive em termos de tempos e espaços. O tempo passa a ser concebido em termos de fato cultural, há tantos tempos como espaços culturais, assim como, existem tantos tempos biológicos como espécies. Buscam-se soluções personalizadas, flexíveis, descentralizadas. Procuram-se indivíduos adaptáveis e prontos a desempenharem qualquer tarefa. A chamada flexibilização do mercado laboral entra em cena e o lema passa a ser nada em longo prazo. A linguagem da flexibilidade implica no desaparecimento da rotina, entretanto, a maior parte dos/as trabalhadores/as, segue no círculo do fordismo.

A chegada das mulheres de classe média na força de trabalho, coloca Sennett (2000), contribuiu a uma maior inovação no horário flexível, seja a tempo completo, seja a tempo parcial. Entretanto, diz Strey (2000), apesar das conquistas, nas últimas décadas, de vários direitos civis e políticos, as mulheres ainda desconhecem seus direitos. Seguem acumulando papéis, sobrecarregadas com a dupla jornada de trabalho, não contam, muitas vezes, com uma equitativa distribuição de tarefas na esfera doméstica e com o cuidado da casa e dos filhos. Porém, a submissão e a resistência sempre fizeram parte da história das mulheres, apesar da normatização patriarcal, na cotidianidade vivida, papéis familiares normatizados são também subvertidos.

Estas mudanças já ultrapassaram em termos de gênero e os homens também têm horários mais elásticos. Mesmo assim, as “ilhas do trabalho permanecem ao alcance da

península do poder” (Sennett, 2000, p. 59). Se o horário flexível parece ser uma recompensa, também coloca o/a trabalhador/a num sistema restrito de controle da instituição, bem como, não há um tempo inscrito para realizar o trabalho, tudo passa a ser considerado tempo de atividade laboral. Surgem diferentes maneiras de se organizar o tempo, principalmente, o tempo do trabalho.

A lógica capitalista passa a ser colonizar todos os espaços da vida de uma pessoa, até o ponto de converter o lar uma extensão do trabalho, convertendo a vida em sua totalidade. Pelbart (2003, p. 149) diz que “ora a vida é vampirizada⁵ pelo capital – chama-se ele mercado, mídia ou sistema de arte –, ora a vida é o capital, isto é, fonte de valor. E é sempre tênue a fronteira entre um caso e outro”.

Falar de trabalho imaterial e, agregá-lo como uma força de produção, não chega a ser uma novidade na contemporaneidade. No desenvolvimento do capitalismo, sempre existiu como pilar e eixo de sua atenção à função reprodutora da mão-de-obra, no sentido físico e biológico do termo, que toda mulher estava obrigada a desempenhar. Por exemplo, muitas vezes, o trabalho das mulheres não-assalariado assegurava a higiene e o bem-estar das pessoas e da família, a organização do lar, a educação dos filhos/as, o cuidado dos/as doentes nas redes de solidariedade e cooperação.

O que pode ser considerado algo “novo”, é que este trabalho imaterial também se incorporou nas máquinas de acumulação capitalista. Podemos citar o caso da indústria cultural, do tempo livre, do ócio, do espetáculo, onde aparecem resquícios de criação e manipulação afetiva, ou seja, de formas de vida, de linguagem, de imagens que se inscrevem nos corpos e nas relações sociais. Tudo isso, está atrelado à indústria de serviços, passando pelos *fast-food* e chegando, até mesmo, nas empresas de serviços financeiros, porque,

⁵ Territórios de existência comercializados.

basicamente, todos estes processos são inseparáveis da interação, afetividade e comunicação humana.

O valor do trabalho passa a ser a criatividade do produtor/a e não mais a quantidade de horas trabalhadas. É como falar que é “a alma do trabalhador que é posta a trabalhar, não mais o corpo, que apenas lhe serve de suporte” (Hardt & Negri, 2004, p. 24). Como escreve Pelbart (2003), o trabalho imaterial “exige, sobretudo, a subjetividade de quem o produz; afetam e formatam, sobretudo, a subjetividade de quem os consome” (p. 147).

Que sentidos colocamos quando dizemos que o trabalho e/o consumo funcionam “fora de medida”, assim como indica o subtítulo da seção? (Castro-Gómez, 2006, p.63). Cabe entender que a questão da medida sempre esteve presente em todos os setores, desde a ciência, a moral, as leis, o Estado. Um mundo sem medida aparece como em que reina o caos, da desordem; do irracional, onde o mal dominaria. Hardt e Negri (2002, p. 316), colocam que a ilusão da metafísica da medida desaparece no Império, que traz consigo o “advento do não comensurável”. O trabalho é, imediatamente, uma força social animada pelos poderes do conhecimento, o afeto, a ciência e a linguagem. De fato, o trabalho é a atividade de um intelecto geral e de um corpo geral fora de medida. Além do que, cada vez mais, o consumo nos incita a trabalhar mais para poder consumir e, dificilmente, consumimos algo que não tenha alguma marca estampada.

Pelbart (2003), ao colocar como são percebidos, visualizados os modos de vida a partir do consumo, problematiza:

Como poderia o Império atual manter-se caso não capturasse o desejo de milhões de pessoas? Como se expandiria se não vendesse a todos a promessa de uma vida invejável, segura, feliz? Afinal, o que nos é vendido o tempo todo, senão isto: maneiras de ver e de sentir, de pensar e de perceber, de morar e de vestir (p. 20)?

Há, notadamente, uma sensibilidade no que diz respeito ao capital e a subjetividade, podendo ocorrer certas modulações através dos regimes de controle e assujeitamento da subjetividade frente ao capitalismo contemporâneo. Porém, nestes espaços, podem-se abrir possibilidades de criação e resistência.

Pelbart (2003) escreve que todos nós constantemente produzimos o novo, mesmo aqueles que não estão vinculados ao processo produtivo. “Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação” (p. 23). A invenção é a potência comum, ou seja, deixa de ser vista como passiva ao capital e passa a ser vista como potência da vida da multidão⁶, no seu misto de inteligência, afetação, desejos.

Bauman (2002) acrescenta que o trabalho estável não é mais a regra, mas sim, a exceção da regra. “A maioria das pessoas deve conformar-se com empregos em curto prazo, com contratos a términos fixos, com atividades do tipo *free-lancer*” (p. 13). A vida laboral está submetida à insegurança, assim como, não podemos mais falar de identidades pessoais estáveis. A vida social, em sua totalidade, começa a ficar instável e assumindo riscos. Rolnik (1999) coloca que, neste final de século e, de milênio, a desestabilização trabalha no atacado:

A imensa diversidade e densificação de universos que se miscigenam em cada subjetividade torna suas figuras e suas linguagens obsoletas muito rapidamente, convocando-a a um esforço quase que permanente de reconfiguração. Nesse contexto, a subjetividade se descobre precária e incerta. Muda por completo o modo como é vivida a experiência da desestabilização (p. 208).

O capitalismo global, conforme Castro-Goméz (2006), já não necessita produzir os produtores, mas sim, produzir os consumidores. “Já não necessita de operários que disciplinem suas paixões e canalizem sua energia para o trabalho material, mas de

⁶ A multidão é um sujeito social que carrega diferenças e multiplicidade, cuja constituição e cuja ação não se fundam na identidade nem na unidade e muito menos na indiferenciação, mas no que há de comum (Hardt & Negri, 2004).

consumidores que extravasem seus desejos” (p. 64). É por isso, acrescenta Hardt e Negri (2002), que a medida é um obstáculo para o Império, pois um mundo de consumidores deve ser um mundo desmesurado.

Construcionismo Social das Emoções

Em cada momento histórico gera-se um tipo de subjetividade determinada e de emoções. As emoções estão presentes não somente a partir das perturbações físicas do corpo como uma hipertensão ou um choro, como também, por uma contribuição do mundo social através das práticas lingüísticas e os juízos morais, por meio dos quais, os sentimentos são interpretados como emoções (Harré; Clarke & Carlo, 1989).

Em que condições, por exemplo, usamos a palavra raiva ou felicidade para designar uma emoção? O que, em uma cultura, se considera raiva ou felicidade? Pode existir uma grande variedade de condições que se devam cumprir para poder utilizarem a palavra raiva ou felicidade. Em ambos os estados, a pessoa pode se deparar com reações corporais e fisiológicas parecidas, como excitação e agitação, porém, de acordo com as marcas culturais e sociais, através das etiquetas, conseguimos distinguir quando a pessoa encontra-se em um estado ou em outro.

Harré et al. (1989), salientam que é necessário conceber a possibilidade de que existam sistemas ou repertórios de emoções culturalmente diferentes. Em nossa cultura, nos dias de hoje, podemos dizer que a emoção é o próprio consumo. Neste momento, tudo é consumido. A emoção é o consumo converteu-se em um modelo de nossas relações. Se antes o modelo eram as relações de produção, agora são as de consumo. Tudo passa a ser personalizado e as lojas passam a ser especializadas não apenas em objetos, mas

especializadas nas pessoas, em suas emoções. É uma das vias de apropriação do mundo, inclusive do corpo e da própria subjetividade.

O construcionismo social destaca o papel crucial do discursivo, do lingüístico, do significado, enfatizando a emoção como uma construção eminentemente social e cultural. Dentro desta perspectiva, a subjetividade passa a ser entendida como um complexo de conversações, narrativas, significados que a cultura dispõe para os sujeitos manipularem e interagirem na trama social. “A superação do abismo que existe entre um mundo privado e interior, de um lado, e um mundo externo e público, de outro, constitui a luta dos chamados construcionismos sociais” (Domènech, Tirado & Gómez, 2001, p. 117). Ou seja, o que antes denominávamos mente, agora passa a ser um dispositivo retórico.

As emoções são práticas discursivas que mantêm, reproduzem e podem transformar as relações sociais em um determinado momento histórico. Uma emoção implica sensações físicas, tem sua parte biológica, mas o fato de que interpretemos isso como uma emoção é prova de sua construção social.

De acordo com os discursos contemporâneos da emoção, Gil (2004), escreve que os homens e as mulheres são socializados/as de maneiras diferentes. “Uma pessoa ‘completa’ e ‘desenvolvida emocionalmente’ é considerada capaz de combinar a intimidade e a expressão emocional feminina e a independência e a competência masculina” (p. 9), falando em termos do discurso patriarcal vigente.

O mundo das emoções e afetividades, entendidas como processos psicossociais, é fundamental para entender o mundo do consumo, porque é o ponto de conexão entre indivíduos e sociedades, entre desejos e necessidades. Ou seja, hoje em dia, presenciamos um desejo de consumir mais desejos. E, as ações do consumo passam a ser ações livremente elegidas, mas livres não no sentido de ausência de leis, mas no sentido de orientar-se pelas

próprias leis. Por isso, a emoção não é somente uma gratificação que se obtém ao consumir, mas é ao mesmo tempo, “o ato de consumo e o objeto de consumo” (Gil, 2004, p.15).

O consumo apresenta-se, muito mais do que um momento de uma cadeia econômica de produção, de troca, de distribuição e de um meio de sobrevivência. É, sobretudo, uma forma de relacionar-se, de comunicar-se, de demonstrar-se, de sentir-se, dos modos de existência. Harré e Parrott (1996) assinalam que a maior parte da experiência social se encontra mais além das palavras e está composta de inumeráveis elementos extralingüísticos, conforme iremos detalhar a seguir.

Crítica ao Social: Subjetivação, Multiplicidade e Agenciamento

A perspectiva do construcionismo social enfatiza as atividades produtoras de sentido e de significado das relações eminentemente entre agentes humanos e pela via social. Estas propostas enfatizam o “eu”, caindo na idéia do logocentrismo, para entender a construção da subjetividade. Entretanto, como salientam Domènech et al. (2001), “embora essas análises representem um avanço do essencialismo naturalista dominante nas explicações psicológicas, elas fracassam em sua concepção do lingüístico e do discursivo e, por isso, também, na concepção do social” (p.119). A proposta defendida pelo construcionismo social oferece apenas uma análise parcial da realidade social.

Assim, é necessário buscar em outro lugar uma explicação para entender que a emoção é o próprio consumo. Nesse sentido, o pensamento de Deleuze e Guattari, mostra-se como um caminho a ser trilhado e pensado, neste emaranhado de teorias, muitas vezes, convencionais e dualistas. A saída seria não apresentar justificativas, mas uma sensibilidade

diferente para pensar à subjetividade, que está sempre em movimento e constantemente produzida, bem como, seus atravessamentos com o consumo.

Nessa perspectiva, o consumo passa a ser entendido como um entramado, um tecido relacional, não só de práticas discursivas, mas de agenciamentos coletivos. Deleuze e Guattari (1988) falam do acionamento de cadeias semióticas de toda natureza, não apenas a linguagem. São agenciamentos que se compõem de estados de coisas e de enunciados, sempre coletivos, que se compõem pela experimentação, não como modelos, e sim, como referências, encontros, ressonâncias. Deleuze e Guattari (1988, p. 53) escrevem que “um agenciamento em sua multiplicidade trabalha forçosamente, ao mesmo tempo, sobre fluxos semióticos, fluxos materiais e fluxos sociais”.

Quando se fala de agenciamento, conforme Deleuze e Parnet (1998) referem-se a estar no meio, sobre a linha de encontro⁷. Agenciar-se com alguém, com uma coisa, com um animal, com uma máquina, por exemplo, não é trocá-lo, representá-lo ou substituir-se com ele, mas sim, criar algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os dois, neste espaço-tempo comum, impessoal e partilhável que todo agenciamento coletivo produz.

Esse plano coletivo e relacional é também o plano de produção de subjetividades. Não no sentido meramente interior ou exterior, em uma lógica dualista, nem mesmo sinônimo de indivíduo, sujeito ou pessoa. Mas sim, partindo da idéia do povoamento de territórios pré-individuais ou pré-pessoais (intensidades, profundidades, movimentos, percepção, sensibilidade) e extra-pessoais ou sociais (maquínicos, econômicos, tecnológicos, ecológicos). O sujeito já não se apresenta mais como um sistema dual unidade-identidade, mas sim, envoltura, fronteira, pele. Ou seja, sua interioridade transborda em contato com o exterior. Assim, substitui-se a lógica do “é” para relacionar-se com a lógica do “e”,

⁷ “Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, idéias, acontecimentos, entidades” (Deleuze & Parnet, 1998, p. 14). Encontro é a arte de compor relações entre os diversos modos de existir, aumentando a potência de ação desses modos (Deleuze, 2002).

entendendo a subjetividade pela multiplicidade, indo para além deste isto ou aquilo e pensando mais nos atravessamentos desta relação.

Tal argumentação coloca em discussão a idéia de um sujeito-consumidor nomeado ou descrito de maneira estável e estanque, pois o ato de consumir transbordou as fronteiras e passou a estar relacionado com questões não somente de sobrevivência, mas, inclusive, de sensações, emoções, com a capacidade de afetar e ser afetado. Saraiva (2000) escreve que a sociedade do consumo é mais do que pura distorção e coisificação do sujeito, mas sim, um fator de subjetivação. O consumo toma a função de um agenciamento que os conecta, criando laços, junções, disjunções, dissociações como fruto dos termos heterogêneos e múltiplos que o compõem.

Desenha-se, como escrevem Domènech et al. (2001), uma subjetividade em movimento e continuamente produzida indo de encontro a uma noção de sujeito essencializado, dotado de uma identidade unitária, privada, estável, de contornos fixos. “E o sujeito seria, portanto, o espaço de conexão ou de montagem, contínua, pré-posição, uma dobra⁸ do exterior” (p.122-123). A figura da dobra serve para nos deslocar das idéias puramente lingüísticas para um universo de fluxos e conexões entre órgãos e objetos ou artefatos, entre seres humanos e espaços, entre sujeitos e locais de consumo, entre instituições, isto é, apresenta-se como um dispositivo de criação de possibilidades de existência. Neste olhar, a linguagem seria outro elemento, entre os muitos que fazem parte dos múltiplos agenciamentos em que estamos implicados.

Ao expressar a dobra tanto num âmbito subjetivo como num processo de produção, tem-se a possibilidade de entender o mundo como potência de invenção, abrindo-se a

⁸ “A subjetivação compreendida como dobra é um processo de agrupação, de agregação, de composição, de disposição ou agenciamento ou arrançamento, de concreção sempre relativa do heterogêneo” (Domènech et al., 2001, p.124).

possibilidade de produzir devires-outros. Dessa maneira, como citam Domènech et al. (2001), a dobra nos permite entender, inclusive:

A crise que afeta diversos movimentos, desde o feminismo até certos nacionalismos, que enfrentam os limites, as contradições, os perigos, de fazer política com a identidade, isto é, de reivindicar identidades modernas de caráter essencialista, identidades que devem ser recuperadas, reencontradas, desveladas (p.134).

Podemos até falar em subjetividades individuais e subjetividades coletivas. Individuais, porque "em certos contextos sociais e semiológicos a subjetividade se individualiza" (Guattari, 1992, p. 19). Coletivas, porque "em outras condições, a subjetividade se faz coletiva, o que não significa que ela se torne por isso exclusivamente social" (Guattari, 1992, p. 20). Mesmo quando se individua em um sujeito, ela não é individual, no sentido de privada, conforme ressalta Deleuze (1991):

O processo de subjetivação não tem nada a ver com a vida privada, mas designam a operação pela qual os indivíduos ou as comunidades se constituem como sujeitos, à margem dos saberes constituídos e dos poderes estabelecidos, que passam a dar lugar a novos saberes e novos poderes (p. 26).

Sendo assim, podemos entender que vivemos em um capitalismo diferente de outros tempos, visto que ele se caracteriza por ser informacional, global e em rede, isto é, se apresenta com estruturas abertas capazes de expansão ilimitada, é fonte de reorganização das estruturas de poder. Uma das táticas do capitalismo é trazer à tona um estado de crise permanente, criando necessidades vitais a todo instante e mundos para consumirmos, apresentando-se como um instrumento de dominação e de controle social. O poder capitalístico⁹ torna-se mais eficaz à medida que as coisas se desarranjam (Silva, 2005).

⁹ Capitalístico: espécie de dependência e contradependência do modelo capitalista. Pensando pela lógica de uma economia subjetiva, não há diferença entre essas sociedades, pois elas reproduzem um investimento do desejo no campo social (Guattari & Rolnik, 1986).

Esta crise não se limita mais ao campo de uma economia política, mas, inclusive, ao campo de uma economia subjetiva. Criam-se mecanismos de sujeição da subjetividade no interior de uma combinação complexa de técnicas de individualização e de procedimentos de totalização.

Não se trata mais de conhecer o significado do consumo na vida das pessoas e para as pessoas, nem se trata de saber o que conota ou o que denota. O problema é, antes, *com quê* se conecta, *em quê* multiplicidades se implica e se alia o consumo.

Nessa cartografia do consumo e da subjetividade contemporânea, é necessário que façamos à pergunta: *entre* onde o sujeito está? E, não simplesmente, onde o sujeito começa e termina? Compreender os processos de subjetivação como ensaio, que busca produzir modos de existência inéditos. A unidade da experiência é polifônica, composta de múltiplas vozes. “Não é a distinção dos sujeitos que explica o discurso indireto; é o agenciamento, tal como surge livremente nesses discursos, que explica todas as vozes presentes em uma voz” (Deleuze & Guattari, 1997, p. 13).

Performances do Consumo e Possibilidades de Ruptura

Nunca o capital penetrou tão fundo e tão profundo no corpo e na alma. Ao mesmo tempo, a própria vida tornou-se uma fonte primordial e de valor no capitalismo. O próprio conceito de vida passa a adquirir um sentido amplo, de puro acontecimento, para além do biológico. Pulveriza-se, hibridiza-se, dissemina-se, alastra-se, totaliza-se, num sentido de poder afetar e ser afetado. Passa a unir palavras como singularidade, expressão, maneira de vestir, de morar, de gesticular, de protestar, de rebelar-se. Não assistimos mais ao poder sobre a vida (biopoder), mas às potências da vida (biopotência). E essa potência da vida no

contexto contemporâneo equivale à biopotência da multidão (Pelbart, 2003). Nesse sentido, a vida não pode ser reduzida a um sentido único, mas deve ser submetida a um rizoma¹⁰ material e imaterial, seja ele biopsíquico, tecno-social, semiótico, fazendo parte de um complexo agenciamento.

Através da produtividade do comum, da problematização da vida como conceito político, passamos a entender o conceito de performatividade, que é construído mediante a reiteração contínua de atos normativos e corporais. Butler (1999) propõe entender o gênero como um ato performativo, pelo fato de ele não ser uma afirmação ou uma negação, mas sim uma construção que se dá através da repetição de atos que tenham alguma correspondência com as normas sociais e culturais, sendo o conceito de gênero um modo de subjetivação dos sujeitos. Além disso, coloca que o sexo, assim como o gênero, é materializado através de práticas discursivas, de normas regulatórias que não são nunca finalizadas, pois permanecem num processo constante de reafirmação (Butler, 1999). O jeito que vestimos, que comemos, que nos expressamos, está permeado por enunciados performativos, que são inventados, criados, construídos e consumidos socialmente.

Butler (1999, p. 154) diz que o fato da reiteração ser necessária “é um sinal de que a materialização não é nunca, totalmente, completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pela qual sua materialização é imposta”. Os corpos - nossos, dos outros - são sempre produtivos e produzidos, em seus tempos assalariados e seus tempos de ócio, corpos coisificados, intérpretes de desejos codificados, de identidades sociais múltiplas e precárias, produtoras a tempo completo e integral.

A performatividade institui, segundo Femenías (2003), um sujeito e sua condição no tempo. Ao se construírem pela reiteração, pela persistência e pela estabilidade, abrem-se

¹⁰ Emaranhado que se estende pela superfície, sem início ou fim, com fronteiras abertas e, ao mesmo tempo, com a possibilidade de formar conjuntos por onde circulam componentes que se comunicam entre si e saltam para fora dos próprios conjuntos (Deleuze & Guattari, 1995).

possibilidades de ruptura. Pode-se pensar na possibilidade de que o corpo produtivo e consumista se organize de outra maneira e descubra diferentes alternativas ao corpo político do capital.

Retomamos a questão feita anteriormente: *entre* onde o sujeito está, nesse mercado globalizado: de artigos de primeira necessidade, sempre novos e sempre outros, à comportamentos para qualquer situação? Podemos dizer que através das coisas que realiza, da maneira como se veste, como fala, como vê, como pensa, como percebe, como compra, o sujeito se performa, mediante a reiteração destes atos. É uma repetição exaustiva de quem somos, até que sejamos, por isso, reconhecidos. E é nesse emaranhado de relações e performances que ele se encontra. Assim, um dos atos principais e reiterativos, em nossa sociedade atual, é o consumo. Passa a ser problematizado, então, como um ato de consumir-performativo. O que nos permite entender com isso? Que a própria emoção, nesse movimento, também se performa, sendo assim, a emoção passa a ser o próprio consumo.

Referências

- Bauman, Z. (2002). *En busca de la política*. México: Fondo de Cultura Económica.
- _____. (2003). *Trabajo, consumismo y nuevos pobres*. Barcelona: Gedisa.
- Butler, J. (1999). Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do “sexo”. In: Louro, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 152-172). Belo Horizonte: Autêntica.
- Castro-Gómez, S. (2006). El dispositivo de Mesias: Trabajo vivo y redención en la filosofía política de Hardt y Negri. In *Athenea Digital*, n. 10, 56-76. Recuperado em 1 de dezembro, 2006, de: <http://antalya.uab.es/athenea/num10/castro.pdf>
- Deleuze, G. (1991). Signos e acontecimentos: Entrevista com Gilles Deleuze por Raymond Bellour e François Ewald. In *Dossiê Deleuze*. Recuperado em 2 janeiro, 2007, de http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/index.html
- _____. (2002). *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1988). *Mil mesetas: capitalismo y esquizofrenia*. Valencia: Pre-Textos.
- _____. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Ed. 34.
- _____. (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Deleuze, G., & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta.
- Domènech, M.; Tirado, F., & Gómez, L. (2001). A dobra: psicologia e subjetivação. In: Silva, T. T. *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito* (pp. 111.136). Belo Horizonte: Autêntica.
- Featherstone, M. (1991). *Cultura do consumo y posmodernismo*. Buenos Aires: Amorrortu.

- Feliu, J. i. (2004). De la Sociedad de Consumo al consumo en persona: bases psicosociales del consumo. In: Gil, A., & Feliu, J. i. (Coords.). *Psicología económica y del comportamiento del consumidor* (pp. 1-36). Barcelona: Editorial UOC.
- Femenías, M. L. (2003). *Judith Butler (1956)*. Madrid: Ediciones del Oro.
- Foucault, M. (1999). Nacimiento de la biopolítica. In: Gabilondo, A. *Estética, Ética y Hermenéutica*. Barcelona: Paidós.
- Gil, A. (2004). El consumo como emoción: rasgos afectivos de la sociedad del consumo. In: Gil, A., & Feliu, J. i (Coords.). *Psicología económica y del comportamiento del consumidor* (pp. 1-40). Barcelona: Editorial UOC.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose*. Rio de Janeiro: Ed.34.
- Guattari, F.; Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: cartografías do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Hardt, M. & Negri, A. (2002). *Imperio*. Barcelona: Paidós.
- _____. (2004). *Multitud: guerra y democracia en la era del Imperio*. Barcelona: Debate.
- Harré, R.; Clarke, D., & Carlo, N. (1989). *Motivos y mecanismos: introducción a la psicología de la acción*. Barcelona: Paidós.
- Harré, R., & Parrott, G. W. (1996). *The Emotions: social, cultural and biological dimensions*. Londres: SAGE.
- Pelbart, P. P. (2003). *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras.
- Rolnik, S. (1999). Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea. In: Santaella, L., & Vieira, J. A. *Caos e Orden na filosofia e nas ciências* (pp. 206-221). São Paulo: Face e Fapesp.
- Saraiva, J. E. M. (2000). Do individualismo moderno ao nasrcisismo contemporâneo: a produção da subjetividade na cultura do consumo. In: Souza, S. J. (Org.). *Subjetividade em questão: a infância como crítica e cultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Sennett, R. (2000). *La Corrosión del carácter: las consecuencias personales del trabajo en el nuevo capitalismo*. Barcelona: Anagrama.

Silva, R. N. (2005). *A invenção da Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

Strey, M. N. (2000). Será o século XXI o século das mulheres? In: Strey, M. N. et al. (Orgs). *Construções e perspectivas em gênero* (pp. 9-18). São Leopoldo: Unisinos.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DA PERSONALIDADE

VIVIANE GIUSTI BALESTRIN

**CORPOS-TRABALHADORES: CARTOGRAFIAS DO CONSUMO E DA
SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA**

ORIENTADORA: Profa. Dra. Marlene Neves Strey

Porto Alegre

2007

**CORPOS-TRABALHADORES: CARTOGRAFIAS DO CONSUMO E DA
SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA***

BODY-WORKERS:

CARTOGRAPHIES OF THE CONSUMPTION AND THE SUBJECTIVITY CONTEMPORARY

Viviane Giusti Balestrin**

Marlene Neves Strey***

Resumo

O presente artigo desenha uma cartografia dos corpos-trabalhadores, como são produzidos, como são visibilizados, como ocorre o processo de subjetividade no contexto do capitalismo contemporâneo. As estratégias de produção de conhecimento foram seis entrevistas individuais com trabalhadores/as que atuam no comércio e a escrita de um diário de campo. Assim, buscamos compreender como são construídas versões da realidade social, no que diz respeito ao consumo, ao trabalho e à subjetividade. Passamos por questões como poder, disciplina e controle flexível. Ao fim, pequenas práticas do cotidiano fazem com que sejam produzidas determinadas verdades sociais e matizes de gênero, conforme as condições de possibilidades de uma época. Os encontros produzidos e os movimentos traçados desses

* Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade na PUCRS. Tem o apoio do Programa Capes e “Estágio-Sanduiche” na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), com o apoio do Programa Alban, Programa de Bolsas de Alto-Nível da União Européia para a América Latina, Bolsa nº E06M103482BR.

** Psicóloga, Mestranda em Psicologia Social e da Personalidade na PUCRS. Orientada pela Profa. Marlene Neves Strey, coordenadora do grupo Relações de Gênero da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e co-orientada, no período do “Estágio-Sanduiche”, pelo Prof. Miquel Domènech Argemí, coordenador do grupo Estudos Sociais e Tecnologia (UAB). Contato: vivianealestrin@terra.com.br

*** Orientadora, Professora Titular do Departamento de Psicologia, na PUCRS. Pós-Doutorado em Psicologia na Universidade de Barcelona (UB). Contato: streyvn@puers.br

sujeitos, além da troca de afetos e um território aberto a conexões e devires, fazem pensar que os modos de trabalhar no comércio tornam-se um potente dispositivo de subjetivação.

Palavras-Chave: Corpo; Consumo; Trabalho; Subjetividade.

Abstract

The paper discusses cartographies of body-workers, how they are produced, how they are visualized and how the process of subjectivity in the capitalism contemporary context occurs. The research material was compound of six individual interviews with employees that work in the commerce and the production of a field diary. Thus, we intend to understand how are constructed social reality versions about the consumption, the work and the subjectivity. We think critically about questions as power, discipline and flexible control. Small daily practices make that social truths and gender representation be produced according to historical conditions. The produced meeting and the movements traced by these subjects, beyond affection sharing and an open territory to connections and becoming, made us think that the modes of work in the commerce have become a powerful device of subjectification.

Keywords: Body; Consumption; Work; Subjectivity.

Aproximações e Afastamentos: as Marcas do Início

A explosão do consumo no mundo atual faz mais barulho do que todas as guerras e mais algazarra do que todos os carnavais.

(Galeano, 2007, p.1)

Este estudo é fruto de um percurso de vida que une passagens pelo campo do trabalho, do consumo e da subjetividade, atravessadas pela Psicologia Social. Vários foram os motores que nos fizeram realizar essa pesquisa, entre eles, destacamos o interesse pelos modos de trabalhar e consumir no contemporâneo.

As instituições voltadas ao comércio, possuem uma forma de organização que buscam maximizar e potencializar o consumo frente ao mercado e têm como indicadores de eficácia o lucro. Nesse cenário, pouco se vêem como prioridade a potencialização das vidas dos sujeitos que ali trabalham. O mercado de bens e serviços, o atendimento ao cliente para fidelizar as vendas, a redução de custos e das perdas, apresentam-se como principais referenciais de preocupação e, conseqüentemente, de sucesso. Visualizar os/as trabalhadores/as como redes de apoio, revertendo suas condições de trabalho extremas e abusivas, não é a principal meta destas empresas voltadas ao comércio. O lema é vender e lucrar sempre mais e melhor.

A intenção da pesquisa é cartografar os discursos cotidianos acerca do consumo e do trabalho, devido à importância que assumem na produção da subjetividade contemporânea e na inclusão dentro do sistema social mais amplo, a partir de histórias de trabalhadores/as do comércio¹¹. O consumo, neste artigo é entendido através da noção de agenciamento, de Deleuze e Guattari (1988) e os trabalhadores/as são um dos elementos que compõem esta

¹¹ Para a realização desta pesquisa, realizamos entrevistas individuais com pessoas que trabalham no comércio que faziam parte de diferentes instituições voltadas ao consumo: rede de varejo, alimentícia, hoteleira. O cotidiano passa a ser entendido como um discurso e, assim, constituído por diversos enunciados que perpassam e que se tramam. A análise das entrevistas realizadas foi fundamentada pelo nosso problema de pesquisa, baseado na pergunta: *como são cartografados os modos de subjetivação capitalístico que atravessam os discursos do cotidiano?*

multiplicidade. Um agenciamento põe em jogo múltiplos fatores e é sempre um coletivo marcado por aspectos materiais, sociais e semióticos. Os vendedores/as fazem com que o consumo se materialize, dito de outra forma, não é um simples corpo que está ali pronto para vender e ajudar o consumidor/a a provar uma peça de roupa, mas sim, é um corpo que possibilita o acionamento do dispositivo consumo e emoção. Além do conceito de agenciamento, utilizamos o conceito de poder (Foucault, 2002 & Deleuze, 1992), destacando os atravessamentos da sociedade disciplinar à sociedade de controle, para analisar as instituições e os relacionamentos produzidos neste processo.

Deixamos claro que a relação entre trabalho, consumo e subjetividade não é tratada, neste artigo, de forma individual e centrada nos sujeitos. Buscamos compreender como são construídas noções de nossa realidade social, deixando aflorar os discursos socialmente disponíveis para dar sentido às experiências das pessoas, suas relações, sua vida. Os mapeamentos são discutidos a partir de uma perspectiva pós-estruturalista que se define pelas infinitas potencialidades exploratórias de bases de investigação e que percebe a realidade como uma construção complexa, uma rede de conexões infinita entre corpos, sujeitos, artefatos e social. A partir da análise das entrevistas realizadas, chegamos a cinco grandes vetores, com os quais trabalharemos no decorrer deste artigo:

1. Primeiramente, discutiremos a questão do *Tempo Livre, Tempo Prisioneiro*.
2. Em segundo lugar, a *Precariedade no Mundo Contemporâneo: Atualizações das Parafernalias do Poder*.
3. Em terceiro lugar, *Os Empregados do Consumo: Quem Consome Quem?*
4. Em quarto lugar, *Quais Modos de Ser Mulher e de Ser Homem Consumimos nos Dias de Hoje?*
5. E, finalmente, lançamos uma *Proposta de Criação de Outros Modos de Existência*.

Tempo Livre, Tempo Prisioneiro

O lugar do comércio é passível de ser definido como a concentração de múltiplos níveis do consumo, marcados na superfície dos corpos, nos olhares, nos gestos, no vestir, no falar e, também, no modo de trabalhar no cenário de vendas e serviços. As estratégias de produção de conhecimento foram seis entrevistas individuais com trabalhadores/as que atuam no comércio, em diferentes estabelecimentos, seguindo um roteiro com duas questões abertas (*anexo I*) e a apresentação de um material de estímulo, constituído através de uma história do cotidiano acerca do consumo (*anexo III*), com imagens de produtos e marcas que consumimos.

Os sujeitos tinham entre 25 e 30 anos, sendo estes três homens e três mulheres, inseridos em diferentes ambientes do comércio e vendas, com carga horária completa e tempo integral. Além disso, visto que a experiência profissional estava centrada num ambiente de comércio, com uma lógica varejista, foi utilizado diário de campo. Cabe salientar, que a produção do diário de campo não ocorreu no mesmo ambiente onde os sujeitos da pesquisa atuavam, mas sim, baseada na experiência profissional da pesquisadora, pois a intenção não era fazer um mapeamento de um lugar em específico, mas desenhar uma cartografia dos corpos-trabalhadores no contexto do capitalismo contemporâneo.

No livro *Vigiar e Punir*, escrito por Foucault (2002), aparece à possibilidade de traçarmos um itinerário que nos leve à reflexão sobre o poder e, mais concretamente, a uma reflexão sobre o corpo como material de inscrição privilegiado das instituições. A instituição apresenta-se como um dispositivo disciplinar e modelador dos corpos e este é o caminho para ter acesso à alma dos trabalhadores/as, ou seja, permitem tomar o corpo e ter acesso a um conjunto de hábitos, rotinas, gestos. São estratégias para a produção de subjetividades.

Os sujeitos, com experiência no comércio, dedicam grande parte do seu tempo de vida relacionando-o ao tempo de trabalho, muitas vezes, abdicando da sua vida pessoal em prol da profissional: *“Abro mão de muitas coisas na minha vida pelo trabalho”*. Com o aparecimento das diversas disciplinas e seus estudos analíticos, o corpo passa a ser esquadrinhado, analisado, articulado, moldado para se retirar o máximo de suas forças e habilidades, ou seja, o corpo ou qualquer materialidade é tomado como máquina, uma máquina para produção de capital.

Pode-se pensar, então, a sociedade disciplinar como que um dos cenários em que a sociedade capitalista impõe certas condições à subjetividade: *“Na minha vida pessoal eu não tenho muito tempo para nada, nem para consumir. Eu só vendo e trabalho”*. As relações ficam resumidas ao próprio ambiente profissional: *“As pessoas aqui dentro acabam se relacionando somente com elas mesmas, quando vê, é o fulano que namora a atendente e assim vai. As pessoas acabam não tendo muito tempo para viver a vida fora daqui”*.

E como opera a disciplina? A disciplina é a arte do corpo e começa operando distribuindo os sujeitos no espaço da clausura, localizando-o no lugar devido. O efeito desta distribuição consiste em ordenar a multiplicidade confusa, reduzindo o heterogêneo. Dessa maneira, todo mundo pode medir-se e identificar-se a si mesmo dentro de um grupo. Logo após, gestiona a atividade dos indivíduos preocupando-se com o emprego do tempo. Tanto o vendedor quanto o gerente sabem o que tem que fazer em cada momento. Tudo isso para trazer eficiência e rapidez nas tarefas e nos produtos para serem postos à venda: *“Assim como na vida pessoal, na hora de vender um produto ou fazer uma visita num cliente, é preciso moldar-se”*.

A isso, impõem-se atividades constantes de aprimoramento e os trabalhadores/as recebem premiações por bons desempenhos ou “castigos” por desempenhos não tão satisfatórios: *“Eu fui promovida, mas em troca, tinha responsabilidades maiores e mais*

problemas e estresse". A temporalidade é organizada globalmente, onde se gera um tempo voltado a uma meta e a um futuro. Um tempo comum para todos e um tempo exclusivo que permite definir homogeneamente o movimento da multiplicidade e os movimentos individuais (Domènech & Tirado, 2006).

Disciplinar passa estar ligado ao aumento de rendimento, a uma composição de forças, a uma extração da força útil dos corpos. Atuação dentro do campo econômico, sobre as forças produtivas e as relações de produção. Distribuir, serializar, compor, normalizar. O poder, então, passa a produzir verdades e realidades (Deleuze, 1987). Com isso, verifica-se um crescente investimento na produção de subjetividade como objeto de acumulação e de produção, bem como uma crescente importância da participação dos aspectos subjetivos do trabalhador no seio da cadeia produtiva.

As empresas deslocam-se com vistas a acompanhar a velocidade de mudança imposta pelo mercado. A rotina de trabalho é baseada na idéia de produtividade e rendimento, com horários ajustados para começar a trabalhar e horários flexíveis para sair: *"A filosofia é sempre sorrir, atender bem o cliente e produtividade. Trabalho por metas, sempre cada dia, um novo dia"*.

Por fim, compõe forças em totalidade, ou seja, para a empresa é importante que cada trabalhador/a tenha consciência de que faz parte de uma peça importante de um aparelho maior. Com isso, se o aparelho maior o exige, o corpo singular é um elemento que se pode mover, colocar, articular, sacrificar, caso seja preciso (Domènech & Tirado, 2006): *"Confesso que às vezes me sinto num grande teatro, onde tenho que representar os valores ali da empresa, mas que na minha vida pessoal eu não acredito que sejam assim"*.

A disciplina não é um aparelho, nem uma instituição: ela funciona como uma rede que os atravessa sem se limitar a suas fronteiras (Foucault, 2002). A disciplina supõe uma inspeção hierárquica e implica o estabelecimento de sanções normalizadoras que se pune

quem não se ajusta a regra, buscando corrigir o desvio. A correção pode ocorrer na forma de demissões, descontos na folha de pagamento, horários reduzidos de almoço e extensos no tempo de trabalho e etc. “Esta economia de forças permite que nosso corpo se converta em um caso singular, mas, ao mesmo tempo, idêntico aos demais” (Domènech & Tirado, 2006, p.8): *“É muito complicado ter de atender as expectativas dos clientes e as expectativas da loja, da empresa. O quadro está sempre girando, eles estão sempre demitindo. Porque como não tem uma estrutura boa, as pessoas param de render e eles chamam pessoas novas pra render mais. Porque eu acho que sai mais barato fazer isso do que investir no futuro, com mais efetivos”*.

A partir do momento em que se abandona o poder de soberania para se proporcionar um poder disciplinário, traz à tona a questão do biopoder e da biopolítica das populações, bem como, da responsabilidade e da gestão da vida. Desta forma, a própria vida surge como novo objeto de poder. “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se faz apenas através da consciência ou da ideologia, mas também no corpo e com o corpo. Para a sociedade capitalista, é a biopolítica que mais conta, isto é, o trabalho de produção e manipulação de afetos” (Novaes, 2003, p. 11).

Cada trabalhador/a, com sua particular linguagem, seu particular modo de ser, de estar, de pensar, passam a ser sujeitos de instituições específicas, colocando-se a serviço da mesma lógica produtiva e de consumo: *“Se a empresa crescer, nós cresceremos junto com ela”*. Assim, não somente as questões da dimensão do trabalho assumem uma compreensão das relações políticas em sociedade, como também, o regime biopolítico, em que as tecnologias geradoras das fronteiras da vida humana e da qualidade biológica das pessoas assumem um papel crucial na dinâmica da vida política (Maia, 2003).

O controle “interiorizou-se” na alma dos trabalhadores e passou a reger a vida na própria produção desejante. Os valores estão faturados na pele de cada trabalhador/a: *“Claro*

que a gente se estressa, eu já fui parar três vezes no hospital de cansaço, dor de estômago, doente mesmo. E eu sempre digo, quem trabalha no comércio uma vez na vida, trabalha em qualquer outro lugar”.

Muitas vezes, esse conjunto de práticas acarreta uma perda da autonomia e das decisões no ambiente de trabalho. As atividades desenvolvidas têm horários e regras impostas e ajustadas de acordo com a necessidade da instituição: *“Atuo na atividade gerencial, gerencio produtos, preços, margem, custo. Desempenho múltiplas funções no mesmo espaço tempo”*. Atender ao máximo de pessoas em curto período de tempo, pois são cobrados pela produtividade e pelo resultado. Uma rotina dura, cansativa e, muitas vezes, contraditória aos valores pessoais, visto que, na vida, os maiores valores são a família e os amigos/as.

Uma pessoa vale pelo que ela é, não pelo o que ela tem, mas quando ocorre à venda, surge o paradoxo: *“É como se eu estivesse me prostituindo pelo capitalismo, passando 340 dias no inferno e 25 dias no paraíso, no descanso das férias”*. Outra contradição que ocorre é que o trabalho é voltado para a produtividade, porém, quanto mais trabalham, mais cansaços físicos apresentam, e menos rendimentos possuem no ambiente profissional. Além do que, quadros sintomáticos de enfermidades são muito freqüentes, não só para refletir uma situação realmente de doença, como também, de subversão às regras e a norma imposta pelo regime de trabalho a tempo integral e completo: *“Eu era uma pessoa calma e hoje em dia fico nervosa por qualquer coisa. Chegava para trabalhar pensando será que hoje vai acontecer algum problema?”*.

Os sujeitos são dispostos em espaços fixos e monitorados por tempos determinados, onde se é analisado o modo de trabalhar de cada um e do grupo, para uma otimização dos resultados. O sujeito é guiado pelo olhar de sujeito-objetivado e praticamente não há esforços para potencializar a equipe de trabalho como um coletivo. A idéia de coletivo é lançada

apenas para mapear que a atividade de um, depende do outro para o produto final. Cooperação colocada em serviço da empresa e da produção.

Produzir passa a estar inserido na sociedade do mercado humano. Quem habita aquele ambiente parece estar vivendo nos tempos modernos das fábricas, com sua linha automatizada de produção. Por exemplo, como cita um dos sujeitos: *“Tenho que receber caminhão de mercadorias, organizar o depósito, abastecer a loja, trocar o encarte de ofertas, mudar os preços, ligar as máquinas, e isso acontece todos os dias!”*. Um trabalho, aparentemente, repetitivo e cansativo. Modelo da fábrica taylorista/fordista imperativo da Revolução Industrial, e que ainda rege certas formas de trabalhar, na atualidade. Como coloca Galeano (2007): *“Invisível violência do mercado: a diversidade é inimiga da rentabilidade, e a uniformidade é quem manda. A produção em série, em escala gigantesca, impõe em todas as partes suas pautas obrigatórias de consumo (p.1)”*.

As distribuições de tarefas diferenciam-se pelas peculiaridades construídas no cotidiano. A vida passa a ter os direitos e deveres vinculados as estratégias disciplinares, próprias de uma instituição total, operada no controle sobre a vida, tudo em prol de um corpo-máquina, ou seja, de um sistema produtivo: *“Tive duas fases: uma de atendimento ao público e outra fase mais operacional. As pessoas consomem não só o produto, mas a maneira como se vestem, nas roupas, nos sapatos, as compras em um determinado shopping”*.

O objetivo principal desta tecnologia disciplinar, como escreve Silva (2001) *“é criar um indivíduo apto a ser manipulado como um corpo dócil, partindo de dois vetores de atualização: um espacial e outro temporal”* (p. 33). O espacial diz respeito a espaços fechados, confinados e separados em si; já o temporal refere-se a uma lógica de tempo cadenciado, consumindo toda a forma criativa do tempo. Além da hierarquia e da padronização, os trabalhadores/as não dispõem dos meios de produção, sendo sua propriedade a força de trabalho.

Precariedade no Mundo Contemporâneo: Atualizações das Parafernálias do Poder

Vivemos num mundo com fronteiras extremamente tênues, difusas, sem certezas e sem garantias de nada. Não temos mais metanarrativas que amparem nosso modo de estar e ser no mundo. A prioridade, neste momento da vida, é se solidificar e se dedicar à carreira profissional, em contrapartida com as incertezas e precariedade no mundo contemporâneo: *“Tenho que passar por tudo isso, com todo mundo é assim. Estou em um momento de me firmar no trabalho, almejo promoções e novos cargos. Se eu não fizer isso com a minha idade, farei quando?”*.

Os trabalhadores/as também são conectados por outros encontros que não somente o trabalho, mas que são propiciados pelo convívio no local de trabalho. Muitas vezes, devido ao excesso de carga horária, pouco tempo resta para cultivar os laços sociais e familiares. Inclusive, com todos os sujeitos da pesquisa, houve uma dificuldade em conseguir uma brecha na carga horária de trabalho, pois não havia tempo para outras atividades além da empresa. Desta maneira, o tempo de trabalho passa a ser visto como o tempo da vida: *“Na segunda-feira já estou cansado, às vezes os horários se estendem e os compromissos sociais ficam de lado. O lado pessoal paga o preço pelo grande volume de trabalho”*.

Dessa maneira, os instrumentos forjados por Foucault para analisar os problemas da vida política social foram atualizados por Deleuze. A partir da presença cada vez mais evidente do campo do virtual em nosso cotidiano, Deleuze (1992) aponta uma nova axiomática do social. Anuncia a passagem das instituições disciplinares e de confinamento estudadas por Foucault (a escola, a fábrica, o presídio, o hospital, o exército) para o aparecimento de novos dispositivos de controle. O poder passa a ser exercido de um modo muito mais sutil e imaterial: torna-se mais instantâneo, fluido e eficaz. Não se trata de uma transição, no sentido de sair de uma situação para outra, mas, sim, uma sobreposição, como

se fosse um outro estrato nessa superfície. Como colocam Nardi e Silva (2005), “não se trata de uma descontinuidade entre essas duas “figuras de poder” – as sociedades disciplinares e de controle, respectivamente, mas de um aumento da eficácia do próprio dispositivo de dominação” (p. 100). Sendo assim, não cabe mais diferenciar sociedade disciplinar de sociedade de controle, mas sim, evidenciar os campos de força envolvidos nessa relação, discutindo a partir do sujeito, as questões de poder.

Mas, afinal, o que se entende com o conceito de poder? O poder é uma relação de forças, ou melhor, toda relação de forças é uma relação de poder. Assim, “o poder não é essencialmente repressivo, visto que incita, suscita, produz; passa pelos dominados como pelos dominantes; se exerce mais do que se possui”. E o exercício de poder aparece como um afeto, visto que a própria força se define pelo poder de afetar e de ser afetada (Deleuze, 1987, p. 100). O poder não é exclusivo da coerção; o poder cria, produz. A norma não é somente restrição, ela também é produtora.

“O poder não pode ser entendido como uma força superior que subjugaria a todos. Ele deve ser entendido a partir de seu caráter relacional. O poder é a força que constitui todos os sujeitos e que está presente em toda a sociedade” (Nardi & Silva, 2005, p.102). Se o poder está em todo lugar, a possibilidade de resistência também se faz presente, pois as relações de poder só se exercem entre os sujeitos livres: *“No final de cada reunião, descemos até a loja e gritamos em coro: “viva lojas x, vivaaa” e exijo que eles façam isso. Tem umas pessoas que tu vê que se rebelam, mas serve para integrar e motivar a equipe”*.

Se as técnicas disciplinares operavam em um sistema fechado, estes outros dispositivos efetuam-se em meio aberto, apoiando-se na tecnologia para produzir formas instantâneas, versáteis e incessantes de controle. A sociedade de controle é a roupagem do capitalismo mundial integrado, e uma vertente na produção de desigualdades.

Com a aceleração científica e tecnológica, nossa capacidade de ação aumentou em uma esfera global sem precedentes, ocorrendo uma expansão da dimensão espacial-temporal dos nossos atos: *“A única coisa que me deixa abalado é meu estado físico. Mas, na minha vida pessoal, tudo o que eu puder deixar em segundo plano, vou deixar. Trabalharei sempre que eu puder e não tiver cansado ou doente”*. Com a revolução tecnológica e cibernética desenvolve-se uma globalização não só onde todas as pessoas podem entrar em contato e se comunicar com outros não importando as distâncias geográficas, mas também, a criação de um megamercado, uma circulação do sistema capital em espaço e tempo. Deleuze (1992) coloca que, se na sociedade disciplinar tínhamos a imagem da toupeira que escavava suas tocas, seus buracos; passamos agora para a imagem da serpente que desliza, contorce e retorçe a partir de suas discretas interligações entre seus anéis.

“Na modernidade, a disciplina tinha necessidade de dois meios - o dentro e o fora - para exercer seu poder. Nas sociedades de controle, o dentro e o fora não mais existem, é o fim de toda exterioridade: nós estamos sempre dentro” (Nardi & Silva, 2005, p. 99). Isso explica por que as principais estratégias das sociedades de controle se produzem sob a forma do exercício de um biopoder que se situa em um modelo particular de relação consigo. Esse modelo caracteriza-se por um processo de privatização da subjetividade que invisibiliza as linhas de força sociais.

Os patrões, na fábrica, podiam vigiar cada um dos elementos que formavam a classe dos trabalhadores; a empresa, em contrapartida, institui entre os indivíduos uma rivalidade interminável em modos de competitividade. O princípio de que os salários devem ser correspondentes com os méritos e a produtividade de cada trabalhador/a faz com que aumente a competitividade entre os colegas de trabalho, dificultando a formação de coletividades e redes de solidariedade: *“Tudo na vida tem relação financeira, temos que mostrar que podemos consumir, mostrar que podemos conviver numa sociedade competitiva,*

onde as pessoas competem não só pelo profissional, mas pelo pessoal, esportivo, e também pelo o que o consumo representa”.

Muitos empregados/as trabalham para pagar o que consomem: *“O teu consumismo faz com que tu parcele pra outros meses aquilo que teu salário naquele mês não consegue comportar. Trabalho para pagar as faturas de meu cartão de crédito que, às vezes, vão vencer só no Natal do próximo ano”.* É um consumo não só de produtos, mas de formas de vida. A complexidade está em que, não somente consumimos objetos, mas que tornamos objetos tudo aquilo que consumimos: a nós mesmos e a todos os outros com quem nos relacionamos.

O trabalhador/a é, também, um sujeito social que está em condições de compartilhar os bens comuns, não comerciais, disponíveis na sociedade: *“Eu tinha muitas colegas que só trabalhavam para pagar a fatura. Como tínhamos bons descontos por sermos funcionários, eu também já excedi algumas vezes minha cota do salário”.*

Há um controle aberto e contínuo, além do que, a própria disciplina é uma modalidade de controle. A diferença está na sentença “aberto e contínuo”, pois se refere a uma situação de estado “livre”, procedimentos flexíveis de controle, variáveis, surpreendentes. Diferentes microexercícios de poder, uma anatomia da vigilância, assentada no movimento, na flexibilidade, transcende as barreiras físicas e não requer visibilidade. Por exemplo, nos locais de trabalho o uso do celular é restrito, seu uso é liberado apenas nos intervalos ou em dias de folga em que o trabalhador/a encontra-se em casa. Desta forma, eles/as podem ser encontrados a qualquer momento e a qualquer lugar, caso seja necessário a sua presença na empresa: *“Se estão me chamando e estou no intervalo, me dá uma aflição e saio correndo para ajudar e atender para não trancar a fila de clientes”.*

A empresa passa a ser vista como um estabelecimento aberto, conectada de diferentes maneiras com o exterior, como um dispositivo que não somente inscreve corpos, como

também, opera com outros materiais. Foucault (2002) nos mostrou que a disciplina é, basicamente, a arte do corpo. Agora, ao contrário, o corpo perde significação e qualquer dispositivo de vigilância opera por controle. O controle concerne o movimento, se exige participação, uma conexão constante, um regime de máxima sociabilidade. No controle, nunca há um ponto final ou de chegada, sempre parte de um ponto médio e não existe algo concreto que guie seu exercício. Exerce-se sempre em curto prazo, é pontual, contínuo e ilimitado, importando o texto, em uma operação de interpretação, ou seja, matéria cifrada que se pode controlar codificando e decodificando. (Tirado & Mora, 2004).

A sociedade de controle não pretende criar sujeitos, somente modulá-los (Domènech & Tirado, 2006). O horário de trabalho expandiu-se para outras esferas da vida, os horários de intervalo e de almoço ficam cada vez mais reduzidos, inclusive, encontrar um tempo para visitar a família, sair com os amigos, estabelecer relacionamentos interpessoais fica mais restrito e confinado ao trabalho: *“Eu trabalho de onze a doze horas por dia. Das 8h da manhã às 8h da noite. E o tempo inteiro trabalhando, eu almoço em quinze minutos e já trabalho de novo”*.

Deleuze (1992) coloca que “a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle, decide-se no curso de cada tentativa. Precisamos ao mesmo tempo de criação e povoamento” (p. 246). Além disso, os processos de subjetivação atuais não obedecem a princípios estritamente disciplinares e os novos operadores de poder se aproximam muito mais da lógica do risco do que das normas, que caracterizavam o exercício de poder nas sociedades disciplinares. As estratégias de controle estão mais fluidas e sem um referencial identificado. O poder se disseminou, alastrou-se por todo o corpo social, mesmo que, muitas vezes, não se trata de trabalhadores/as e empresas flexíveis, mas do controle flexível: *“Nunca estou em casa, acabo vivendo tudo no meu lugar de trabalho. Até o consumo é feito nas lojas do bairro”*.

No regime da empresa, os diferentes modos de lidar com o dinheiro, de lidar com os produtos e de lidar com os sujeitos já não passa pelo regime disciplinar do confinamento das fábricas. O mercado se conquista quando se adquire o seu controle e, não, sua disciplina. O consumo, nessa lógica, assume um valor de troca, na medida em que ele próprio se reveste em moeda: *“Como em uma empresa tu utilizas o uniforme com o nome do local de trabalho, no consumo, tu utilizas determinado tipo de roupa para ter existência social”*. Deleuze (1992) escreve que o capitalismo busca vender serviços e quer comprar ações. Não é um capitalismo de produção, mas de produtos, ou seja, de vendas ou de mercados, por isso, é especialmente disperso.

Cabe assinalar, que também surgem distintas formas de resistência frente ao controle flexível e dócil dos corpos. Por exemplo, a pirataria ou os vírus informáticos são algumas das formas de subversão na era da tecnologia. A sociedade de controle, ela mesma utiliza-se do vírus para infiltrar-se e corromper as formas institucionais que a cercam, mas é o próprio vírus que pode servir de arma para causar interferências e distúrbios nas maneiras de dominação que essa axiomática do social cria. Nessa retomada, da disciplina ao controle flexível, Deleuze (1992) percebe um futuro dotado de possibilidades de resistência e transformação: *“O dinheiro faz falta para gente, mas eu não quero pagar por este preço – ter de trabalhar final de semana, doze horas por dia, sete dias por semana a vida toda”*.

Os Empregados do Consumo: Quem Consome Quem?

Os trabalhadores/as são um dos elementos que compõem esta multiplicidade do consumo. Deleuze e Guattari (1988) escrevem que um agenciamento põe em jogo múltiplos fatores e é sempre um coletivo marcado por aspectos materiais, sociais e semióticos. Os

vendedores/as, uma das peças deste agenciamento, fazem com que o consumo se materialize. Dito de outra forma, não é um simples corpo que está ali pronto para vender e ajudar o consumidor/a a provar uma peça de roupa, mas sim, é um corpo que possibilita o acionamento do dispositivo consumo e emoção: *“Eu vivo do consumo: vendo um sonho para as pessoas e não apenas um produto”*.

O cenário profissional é entendido como um território existencial, onde se partilha afetos. A existência de controvérsias no ambiente laboral permite a aparição de coletivos e podem se constituir como um enriquecimento da democracia, quando são ouvidas e colocadas em diálogo. As controvérsias devem ser vistas como forma de exploração, de outros mundos possíveis. Porém, nem sempre é desta forma que são consideradas pela empresa: *“As pessoas abusam de ti, então quando tu dizes um ‘não’, vai soar como algo fora do comum ou absurdo, mas que na verdade, tu tens todo o direito de discordar e dizer o que pensas”*.

Do lado dos trabalhadores/as, escreve Castel (1997), com o início da produção em massa, apareceu explicitamente à preocupação com o bem-estar e pelo desenvolvimento do consumo. Esta preocupação pelo consumo responde a uma transformação dos modos de vida populares, gerada pelo retrocesso da economia do lar e tem que ver, sobretudo, com os trabalhadores/as das grandes concentrações industriais. De modo que existe uma nova relação entre o aumento do salário, o aumento da produção e o aumento do consumo: *“Muitas vezes você acaba justificando seu trabalho para a compra de um bem material”*. O excesso de carga horária, a abdicação da vida pessoal em prol à vida familiar e social, a pressão por resultados, a competitividade, acabam sendo justificadas pelos projetos de vida relacionados ao consumo. Ao ganhar uma promoção no trabalho, diga-se uma ascensão ou troca de função, geralmente vem associado o aumento de salário e, também, o aumento da responsabilidade e

de atividades. O sujeito fica cada vez mais imerso na rotina laboral, ganha mais dinheiro e, assim, pode consumir sempre mais.

Mesmo que a maioria afirme que não seja consumista, acaba caindo no círculo do consumo, para ser aceito, para sobreviver: *“O consumo está relacionado a tudo. Desde o que você vai comer, o que você vai vestir, o que você vai ouvir, a forma como você se locomove, o que é passado para ti, a informação, tudo está relacionado ao consumo”*. O próprio conceito de sobrevivência muda, no cenário do capitalismo imperial.

A palavra consumidor/a é referida, de acordo com Silva (2005, p. 118), porque é vendida a ilusão de que se encontra na posição de “poder comprar qualquer coisa neste megamercado globalizado: de artigos de primeira necessidade (sempre novos e sempre outros) a comportamentos para qualquer ocasião”. Bauman (2001) acrescenta que “a mais custosa e irritante tarefa que se pode pôr diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades (...). A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolhas” (p. 75).

O capitalismo tende a converter-se em um não-lugar, em realidade, ele está em todos os lugares. A produção, na contemporaneidade, não é mais meramente marcada por fatores econômicos, financeiros, de bens materiais, mas inclusive, por seu caráter de produção social, como de comunicações, afetos, relações. “Produção no sentido de produção de subjetividade: quem somos, como vemos o mundo, como nos relacionamos” (Hardt & Negri, 2004, p. 94). Não importa tanto o produto, mas a marca, o contexto no qual ele está inserido: *“O consumo não está relacionado só com dinheiro, consumo é uma maneira de ver, uma maneira de vida. Tudo que tu consumes, direta ou indiretamente, tu queres dizer alguma coisa, queres passar algo a alguém”*.

Quais Modos de Ser Mulher e de Ser Homem Consumimos nos Dias de Hoje?

Uma das metas do comércio e da mídia é conseguir se comunicar com todos os tipos de públicos. Profissionalmente, os sujeitos da pesquisa vivem do consumo, no momento em que a mola propulsora de suas atividades é a venda. No trabalho, para cativar e fidelizar os clientes é necessário despertar um algo mais, despertar emoções: *“Meu trabalho é cativar, despertar coisas que os outros não despertam. Que é a conversa, o ouvir, não só o vender, porque a venda, qualquer um vende”*.

Muitas vezes é vendido *status* - ao vender uma peça de roupa de marca, ao frequentar um restaurante da moda – mas, associado a isso, é vendido, inclusive, sensações de aconchego, de atenção exclusiva: *“Eu ofereço ao cliente o que ele procura, o que ele não procura e o que ele pensar em procurar”*.

Rolnik (1997), fala da profusão no mercado da mídia e do consumo de múltiplos gostos e formas: *“miragens de personagens globalizados, vencedores e invencíveis, envoltos por uma aura de glamour, que habitam as etéreas ondas sonoras e visuais da mídia; personagens que parecem pairar acima das turbulências da vida e da finitude de suas figuras”* (p. 30). Porém, estes mesmos personagens nunca chegam lá, já que lá é apenas uma miragem. E quanto mais se frustram, mais correm atrás para tentar alcançar este ideal.

Não estávamos preocupados em salientar a diferença entre sexo, raça, idade, escolaridade, mas sim, explorar a variedade do discurso acerca do assunto em questão. Fischer (2001), ao falar do cruzamento de identidades e diferenças, ressalta que *“considerar a interdiscursividade significa deixar que aflorem as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz todo o discurso (p. 15)”*. Entretanto, podemos assinalar que as mulheres, ao referirem que trabalham para consumir algo maior, salientam que a preocupação está em adquirir moradia

ou objetos para casa, numa preocupação com projetos futuros: *“Eu gosto de ser mulher e mulher que não é compulsiva um pouquinho que seja, é mentira. Às vezes uma roupinha melhora o astral e eu adoro comprar coisas para a casa”*. Já, os homens, quando planejam consumir, o fazem pensando em adquirir carros, eletrônicos, preocupando-se em projetos em curto prazo e de usos individuais.

Outra questão importante que apareceu foram os estereótipos masculinos e femininos, citados pelas próprias mulheres: *“Sou mulher e gosto de consumir. É da natureza”*. Porém, a questão do prazer de consumir extrapola a questão de gênero e avança para os territórios masculinos, inclusive: *“Acredito que qualidade de vida e consumo estão relacionados. Tenho todos os cálculos mensais de gastos na cabeça e sei quanto é possível consumir com relação ao meu salário. O consumo excessivo já me prejudicou muitas vezes”*.

Ambos salientam que consomem objetos de uso pessoal, como roupas e perfumes, bem como, investimentos em viagens. O consumo da aparência, da beleza, da estética, da saúde, não se limita, somente, às mulheres, pois os homens também estão preocupados com a imagem: *“Sou homem e tenho um cuidado muito grande com a estética, da parte vaidosa do homem, de cortar a unha, passar perfume, alimentação, esportes”*.

Em termos de identificar a representação da mulher, como cita Sabat (2001), mesmo que ainda esteja bastante ligada às representações mais tradicionais, como a maternidade ou coisas para o lar, por exemplo – a mulher, ainda, consegue dispor de um número maior de significados do que a representação do homem. Pelas imagens publicitárias, podemos observar como as relações de gêneros estão sendo vistas por determinada sociedade, quais os significados mais ligados às mulheres e aos homens desejamos socialmente. Mesmo assim, estas próprias imagens também subvertem alguns padrões ditos femininos e masculinos, não como forma de reflexão social e atenção às diferenças, mas sim, para colocar o produto à venda e diversificar o universo de consumo. Como coloca Galeano (2007), “a cultura do

consumo, cultura do efêmero, condena tudo à descartabilidade midiática. Tudo muda no ritmo vertiginoso da moda, colocada à serviço da necessidade de vender” (p.1).

Nesse processo do consumo, o que há são movimentos circulares dos modos de subjetivação que se consomem. Circuitos do consumo, aonde diferentes figuras se desmancham e se transformam a todo instante, não retendo e solidificando nada, contentando-se com palavras e imagens em forma no mercado da mídia, que também não são recordadas posteriormente. Assim, como cita Rolnik (1997), a experiência da desestabilização, reiteradamente repetida ao longo de toda nossa existência, é efeito de um processo que nunca pára e que faz da subjetividade “um sempre outro”, “um si e não si ao mesmo tempo” (p.29).

Proposta: Criação de Outros Modos de Existência

Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

(Deleuze, 1992, p.220)

Acreditar no mundo é o que nos falta. Acreditar significa suscitar acontecimentos, mesmo que estes sejam pequenos, pertencentes à microvirtualidades (Silva, 2005). O mundo é puro acontecimento, repleto de diferenças, multiplicidade, criação. Escapar do vazio e do efêmero que a sociedade do consumo nos impõe é um grande desafio. Se pensarmos na vida como a própria duração e a própria potência do devir, podemos pensar, inclusive, que qualquer ação torna-se válida, a partir do momento em que as saídas sejam múltiplas.

Duvidar de como olhamos o mundo e duvidar das verdades cotidianas é o que nos faltam, inclusive. A verdade apresenta-se como um regime político. Pequenas práticas do cotidiano fazem com que sejam produzidas determinadas ordenações sociais e matizes de

gênero. Uma das principais lutas de nossa época é lutar contra a normalização e o assujeitamento da subjetividade. E a “possibilidade de transformação está, portanto, no estranhamento e na desnaturalização das verdades que nos constituem”. (Nardi & Silva, 2005, p. 104).

A desconstrução dos imaginários modelizados sob a dominação, por exemplo, o significado da mulher na família e na sociedade, sob os códigos machistas; os padrões de beleza, sob os códigos racistas; os ideais de felicidade, sob os códigos capitalistas, são necessários para que a ruptura com as realidades virtuais se opere na cotidianidade das pessoas.

Deixar de tomar o social como uma *evidência* e passar a constituí-lo como um *problema*, isto é, deixar de tomá-lo como um fato intrínseco ao próprio modo de existência da vida humana e passar a constituí-lo como uma multiplicidade necessariamente construída a partir de uma relação de forças num campo historicamente dado (Silva, 2005, p. 13).

Assim, podemos dizer que o lugar do social carrega em si uma problemática indissociável relativo à sociedade capitalista, as reorganizações no mundo do trabalho e os modos de existência pela via do consumo. Os encontros produzidos e os movimentos traçados desses sujeitos, em um cenário de consumo, além da troca de afetos e um território aberto a conexões e devires, fazem pensar que os modos de trabalhar no comércio tornam-se um potente dispositivo de subjetivação.

Referências

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Castel, R. (1997). *Las metamorfosis de la cuestión social*. Buenos Aires: Paidós.
- Deleuze, G. (1987). *Foucault*. Barcelona: Paidós.
- _____. (1992). *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1988). *Mil mesetas: capitalismo y esquizofrenia*. Valencia: Pre-Textos.
- Domènech, M. & Tirado, F. J. (2006). Extituciones: del poder y sus anatomías. *Política y Sociedad*. Madrid, 36, p. 191-204. Recuperado em 3 de janeiro, 2007 de: <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/11308001/articulos/POSO0101130191A.PDF>
- Fischer, R.M.B. (2001). Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de pesquisa*, (114), pp. 197-223. Recuperado em 3 janeiro, 2007, de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=pt&nrm=iso
- Foucault, M. (2002). *Vigilar y castigar : nacimiento de la prisión*. Buenos Aires : Siglo XXI Editores Argentina.
- Galeano, E. (2007). O Império do Consumo. *Agência Carta Maior*, pp. 1 – 8. Recuperado em 13 de fevereiro, 2007, de: http://cartamaior.uol.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=90
- Hardt, M. & Negri, A. (2004). *Multitud: guerra y democracia en la era del Imperio*. Barcelona: Debate.
- Maia, C. (2003). Biopoder, biopolítica e o tempo presente. In: Novaes, A. (Org.) *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo* (pp. 77 - 108). São Paulo: Companhia das Letras.
- Nardi, H. C., & Silva, R. N. (2005). Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In: Guareschi, N. M. F., & Hüning, S. M. (Org.) *Foucault e a Psicologia* (pp. 93 – 105). Porto Alegre: Abrapso Sul.
- Novaes, A. (Org.) *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rolnik, S. (1997). Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: Lins, D.S. (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades* (pp. 25-34). Campinas: Papyrus.
- Sabat, R. (2001). Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, pp. 9 – 21.

Silva, R. N. (2001). *Cartografias do Social: estratégias de produção do conhecimento*. Porto Alegre: UFRGS, *Tese de Doutorado*, FAGED.

_____. (2005). *A invenção da Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

Tirado, F. J. & Mora, M. (2004). *Cyborgs y extituciones: nuevas formas para lo social*. Mexico: Universidad de Guadalajara.

CONSIDERAÇÕES

Notas de uma sensibilidade

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível.

(Foucault, 2000, p. 5)

É preciso fazer um fechamento, mesmo que consideremos esta elaboração parcial e em andamento. Concluir, em geral, significa fechar, entretanto, propomos a conclusão como abertura de outros pensamentos. Um texto não passa de uma pequena peça de um agenciamento coletivo de enunciação, marcado por múltiplas vozes. O que se tratou de fazer até aqui foi um recorte, provisório, de uma paisagem, de algo que pode reverberar para diferentes partes.

E, como conseguimos nos afastar do fenômeno para conseguir problematizá-lo? Deixando claro que integramos o mesmo movimento que analisamos, ou seja, somos subjetivadas pelos mesmos discursos. É uma demanda que nos dobra, não apenas sobre o trabalho, como também, sobre nós mesmos. O difícil mesmo é conseguir sair de si mesmo para criar outros possíveis de ser. Assim, como colocam Costa e Veiga-Neto (1996), é necessário olhar o *corpus* de análise como um conjunto de textos e dados associados a inúmeras práticas sociais e analisá-los como constituidores de sujeitos e corpos, de modos de existência, não só de pessoas, como de instituições e, inclusive, de formações sociais mais amplas.

Conhecer deixa então de ser o exercício da busca de uma verdade, como escreve Rolnik (1999), mas limita-se a contextos problemáticos singulares e é sempre atravessado pelo inesperado. Portanto, é preciso não tomar nada como fixo, pois o método ensina a

considerar as experiências historicamente singulares, referidas ao objeto que investigamos: “nos defrontamos não mais com as ‘coisas em si’, mas com produtos de discurso, um discurso que se transforma, pois que está vivo em multiplicadas lutas, em inúmeros jogos de poder” (Costa & Veiga-Neto, 1996, p. 44). A flexibilidade de pensar e a disponibilidade em fazer e re-fazer as próprias afirmações fazem parte do trabalho de investigação.

Começamos fazendo uma problematização acerca do modo como esta dissertação deve ser apresentada: através de dois artigos, sendo estes, um teórico (primeira parte) e outro empírico (segunda parte). O modelo de artigos atende a uma demanda de ordem produtiva, onde uma das principais valorações da atividade acadêmica é publicar, fazer circular o conhecimento, através de dados concretos. Desta maneira, nos questionamos em que lugar está o artigo das “sensações”? Aquele em que possamos escrever sobre como foi o processo, que tensões, confrontos, controvérsias, fluxos e refluxos, intensidades, afetos circularam neste processo. Sendo assim, procuramos utilizar mais a parte da apresentação e, neste momento, das considerações, para dar lugar a estas questões, buscando, a todo instante, conectar ambas as partes para não cairmos numa ordem linear e progressiva.

Este estudo foi uma tentativa de fazer uma cartografia dos movimentos e de uma nova sensibilidade. Segundo Rolnik (1989) a cartografia é um desenho que se faz, acompanhando as transformações da paisagem, os movimentos que acompanham a realidade. Sendo assim, ela é sempre singular e provisória e a tarefa do cartógrafo é favorecer a passagem das intensidades nos rastros deixados pelos fatos.

Desta forma, buscamos realizar uma cartografia no sentido de uma bricolagem, na qual se vai colando, cortando, pegando e sendo pego pelas intensidades, pelos afetos, pelos acontecimentos, pelos devires. É uma escrita por afetações, uma escrita pela potência.

A pergunta que fica é quais transformações ainda haverá nos fluxos produtivos, nos meios de produção e, conseqüentemente, na esfera subjetiva? Nos dias de hoje já

presenciamos lojas abertas 24 horas para atender a demanda de público, sem fechar em feriados e dias festivos. Enquanto alguns se divertem, outros trabalham, para atender ao consumidor/a e vender seus serviços. A chamada “hora extra” em horário de trabalho foi substituída pelo “banco de horas”, que não mais são pagos em espécie, mas sim, por presença, por produtividade. Junto com a expansão da carga horária, veio a diminuição dos intervalos e horários de almoço. O próprio chefe mudou, agora passa a ser chamado de “colaborador/a” ou “associado/a” para deixar claro que todos fazem parte do mesmo círculo de danças do consumo e de ser consumido. Todos podem comprar qualquer coisa, pois o cartão de crédito permite o parcelamento de compras (ou, de dívidas), até o Natal do próximo ano. As pessoas trabalham não mais para ganhar salários, mas para pagar a fatura do crediário ou do cartão de crédito.

O capitalismo se apropria de todos os espaços da vida e o próprio “não”, dito no ambiente de trabalho, passa a ser visto como fora da ordem, um descaso à instituição, ou melhor, um descaso à singularidade. Com a privatização da subjetividade o sujeito já não é mais dono da vida, o direito passa de condição humana a condições particulares. Com a lógica de que a emoção é o consumo e, de que tudo, hoje em dia, passa a ser consumido, não temos mais tempo de simbolização dos fatos, pois há uma emergência na satisfação dos desejos.

A economia capitalista só venceu a batalha do século 20 ao integrar a atividade intelectual no processo produtivo. Os fatores econômicos não são mais a terra, o trabalho e o capital, pois cederam lugar à inteligência, ao conhecimento, às imagens, aos afetos, que estão longe de serem um recurso escasso ou calculável. O que pertencia à esfera privada passa a ser requisitado na produção, com isso, o capitalismo passou a mobilizar a subjetividade numa escala nunca antes vista. Mais do que vender produtos, vende-se um conteúdo cultural, uma atitude, uma maneira de ser.

Cartografias do Consumo e da Subjetividade Contemporânea seria a possibilidade de pensarmos o trabalho e o consumo para além do senso comum e das formas naturalizadas de viver, uma luta contra as formas de assujeitamento da subjetividade. Seria a possibilidade de mapear as formas de produção da subjetividade capitalista na atualidade, desconstruindo e deslocando os olhares para lugares incomuns, para as frestas, para as rupturas, refletindo sobre os processos de singularidade e para criação de devires-outros.

REFERÊNCIAS

- Costa, M. V. & Veiga-Neto, A. et al. (Org.) (1996). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação.
- Foucault, M. (2000). *A Ordem do Discurso*. (6ª edição). São Paulo: Loyola.
- Rolnik, S. (1989). *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade.
- _____. (1999). Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea. In: Santaella, L., & Vieira, J. A. *Caos e Ordem na filosofia e nas ciências* (pp. 206-221). São Paulo: Face e Fapesp.

ANEXO I: ROTEIRO DE ENTREVISTA

TÓPICO GUIA

Após a aplicação do *rapport* e a apresentação do material de estímulo (história do cotidiano), as perguntas que servirão de base para a entrevista serão:

- A partir da história que foi contada, você poderia me falar como vê a questão do *consumo* na sua vida?
- Quais os sentidos que a palavra *consumo* tem para você?

ANEXO II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado/a participante:

Sou mestranda em Psicologia Social e da Personalidade na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora Dra. Marlene Neves Strey, cujo objetivo é pesquisar idéias do cotidiano acerca do consumo.

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de 1 (uma) hora.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora Viviane, através do fone 91746308 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone 3320 3345.

Atenciosamente,

<hr style="width: 30%; margin: 0 auto;"/> <p>Viviane Giusti Balestrin Matrícula: 05190492-8</p>	<hr style="width: 30%; margin: 0 auto;"/> <p>Porto Alegre/RS, Julho de 2006 (Local, Data)</p>
---	---

Prof^ª. Dra. Marlene Neves Strey/Orientadora















CRP 07/0985

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

<hr style="width: 30%; margin: 0 auto;"/> <p>Nome e assinatura do participante</p>	<hr style="width: 30%; margin: 0 auto;"/> <p>Local e data</p>
--	---

ANEXO III: MATERIAL DE ESTÍMULO

História do Cotidiano acerca do Consumo

Imagine que você vai com seus amigos comer um  e tomar uma  no  ... Em seguida, resolve dar uma volta no shopping e entrar na loja  para comprar uma  ... Depois, decide ir ao cinema assistir a um filme de  em seu último lançamento:  ... e liga para seu amigo no celular  para convidá-lo. Logo mais, volta para a casa num carro  Ao chegar em casa, o telefone toca e você atende num aparelho fabricado pela  E ouve um amigo lembrando-o de um  que começou a instantes na televisão ...  em seu último lançamento. Você corre e liga o aparelho  Ao terminar o clipe, decide ouvir um cd  no 

ANEXO IV: APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - PUCRS



Ofício nº 1135/05-CEP

Porto Alegre, 28 de novembro de 2005.

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa intitulado: "As contradições do ter e do ser: cartografando modos de subjetivação capitalísticos".

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Caio Coelho Marques
COORDENADOR EM EXERCÍCIO

Ilmo(a) Sr(a)
Profa Marlene Neves Strey e Acad Viviane Giusti Balestrin
N/Universidade